

Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO

ANNO I

Bello Horizonte, 16 de Junho de 1925

N.º 4

SUMMARY

PEDAGOGIA—Educação utilitaria—Ensino de Geographia local e de Civismo pelo methodo de projecto—O Estado do desenho e a Cultura dos sentimentos estheticos—Plano para o ensino de Geographia—Um processo novo para ensinar o methodo de projecto—O papel educativo da memoria visual e auditiva—O ensino de historia pelo methodo projecto—Programa dos methodos e meios de educacão no Brasil—Gymnastica respiratoria—Carta aberta—Tests—Tudo de intelligencia—Organizacão da classe—O ensino em S. Paulo.
HYGIENE ESCOLAR—Inspecção medico-sanitaria das escolas—Meios praticos de aprender regras de saude.

SECCÃO RECREATIVA—Para que servem os impostos (Conto mensal—A onça e o cecilio—O arabi e o sapo—O habory e o gige ste.
SECCÃO OFFICIAL—Avisos—Escurecos escolares—Obrigatoriedade do ensino—Remessa de livros para as escolas—Aviso aos inspectores regionaes—Directoria de Instructão—Epediente—Os nossos grupos escolares.
PAGINAS HISTORICAS—Gonzaga (continuação).
VARIEDADES—Ave Maria (poesia)—Ensino de linguas mortas—A intelligencia revelada através da preferencia para o estudo das sciencias naturaes—Estado experimental das causas determinantes da má pronuncia—Anno lectivo de doze mezas—Programa de ensino em S. Paulo.

PEDAGOGIA

Educação utilitaria

Si educar é preparar o homem para a vida, entendendo-se que esta, por uma educação cada vez mais adequada, se vá tornando mais intensa, mais perfeita e mais digna de ser vivida, fica fóra de duvida que não podem os methodos educativos deixar de possuir uma finalidade essencialmente utilitaria.

Só se deve ensinar á criança, o que for util na vida pratica. Só se deve educar a criança em vista da existencia que ella vaé viver, nos termos e nas condições em que essa vida deve ser comprehendida.

Examinemos essa questáo no ponto de vista doutrinario e no terreno das realidades.

O problema acima formulado, de ensinar-se apenas á criança, o que for util na vida, parece, á primeira vista, comportar uma soluçáo muito facil e simples. Na realidade, porém, a soluçáo de tão importante problema depende essencialmente da de outro mais difficil e mais grave. Que é util á vida? Como distinguir e separar o que seja util, inutil e nocivo na vida?—

Ora, no fundo, a interrogacáo acima se contém em outra mais ampla: Que é a vida?—

Viver a vida não é o mesmo que gosar a vida. O goso, no sentido geral do termo, não é um elemento essencial á felicidade. É demais, a muitas e muitas pessoas não é dado esse goso, por não disporem de recursos, por faltarlhes a saude, ou por multiplos outros motivos.

Viver a vida não é deixar desenvolverem-se livremente todas as facultades e aptidões e expandirem-se todas as actividades de que é capaz o individuo, porque a applicaçáo dessas facultades e o exercicio dessas actividades encontram limitações estreitas no conjunto das existencias individuaes, quer dizer, na existencia collectiva em sociedade. E, si a sociedade não é um super-organismo, segundo as illusões já dissipadas da escola evolucionista, não é tam pouco uma somma fragmentaria de actividades, e sim um conjunto harmonico de existencias isoladas, mas dependentes, convergindo todas para um resultado geral.

Decorre dahi a necessidade de normas, tanto as de ordem moral como as de caracter juridico.

Viverá igualmente a vida, o abnegado, desinteressado e caridoso como o egoista, impiedoso e perverso? T nto o operario proba nas minas, como o capitalista desonesto, nas cidades?

Não. A vida só é comprehensivel, só é possivel e só é digna de ser vivida, si obedece a um ideal normativo, que a

simples consideracáo de utilidades não pode fornecer nem sancionar.

A educacáo, pois, não pode ser exclusivamente utilitaria.

Passemos ao terreno dos factos.

O grande argumento dos que se batem pela educacáo exclusivamente utilitaria é o exemplo dos Estados Unidos.

Na grande republica americana, affirmam esses entusiastas, prepara-se na escola a criança para a vida. Os exercicios escolares, os temas nas classes, os proprios folguedos são orientados para a consecuçáo desse resultado. Tudo aquilo que não pode ser considerado util á vida, é excluido.

Dahi, concluem elles, o progresso estupendo dessa nação. Nos Estados Unidos, diz Wilhelm Müller, houve um exemplo admiravel, que influíu immensamente na orientacáo educativa:—o de Abraham Lincoln.

Lincoln foi, a principio, caçador e pescador, uma especie de nomade. Fez-se depois agricultor, e, logo em seguida, calafate, operario e commerciante. Em luctas com indios, praticou a arte da guerra. A sua intelligencia e força de vontade levaram-no aos estudos. Estudou o Direito; foi representante do povo; chegou á presidencia da Republica.

Desse bello exemplo deduziu-se logo uma conclusáo demasiada. Acreditou-se que ao exercicio de tão diversas profissões devia Lincoln a segurança das suas vistas, os inextinguíveis recursos do seu espirito, a sua maravilhosa capacidade na escola e direcçáo dos homens, o seu brilhante successo na vida (*). Ora, na realidade, a conclusáo não é legitima.

Milhares de individuos têm atravessado existencia mais cheia de accidentes e reviravoltas, sem alcançarem os mesmos resultados, seja porque o a intelligencia ou as aptidões innatas de Lincoln não se presumem em quem quer que tenha vida accidentada.

Dessa experiencia deduziu a escola americana a conclusáo, em virtude da qual devem as crianças percorrer, aprendendo e brincando, todos esses graus da vida, quasi desde o homem das cavernas, o troglodyta primitivo, até o civilizado moderno. Os exercicios escolares correspondentes devem ser tomados, no quanto é possivel, a cada uma dessas phases, sendo a esse mesmo plano submettidos todos os ramos de instructáo.

Por esse proce-so, acreditam os pedagogos, a intelligencia da criança é despertada para cada fórma do trabalho humano, dando-se-lhe os primeiros aprestos para que, mais tar-

(*). Amerikanisches Volksbildungswesen.

de, venha dominar as tarefas com que se lhe apresenta a vida americana, tão variada e tão intensa.

Esse método deve ser empregado desde os Jardins de Infância.

Alem disso, em vista dessa accommodação da criança á natureza, estorça-se a escola americana em realizar no ensino a maxima intuição possível. O ensino deve ser essencialmente intuitivo. Na escola, empregam-se quadros, modelos, peças do natural, em profusão.

Para explicar o que seja *fracção* em arithmetica, parte-se uma maçã á vista dos alunos. No ensino da leitura, por exemplo, na phrase: *The cat gets the rat* (o gato pega o rato), levam as crianças consigo essas animações e, no meio de gargalhadas, veem a realização da phrase, antes de tel-a no quadro negro.

Essa educação é, primeiro que tudo, carissima. Em segundo lugar, por maiores que sejam os recursos da escola em material para o ensino intuitivo, por mais frequentes que sejam as excursões, só pode esse ensino ser adstricto a um circulo muito limitado de idéas.

Uma tal educação exige professores eximios. Quando isso acontece, é possível e mesmo facil prender a atenção da criança, estimular-lhe a comprehensão da realidade e despertar nella o impulso creador.

Mas, onde falta o professor exímio, onde só existem o mediocre e o inferior, esse processo alegre, divertido e intuitivo, de pôr a criança em contacto com a realidade, produzindo os mais serios desastres e causado as mais lamentáveis desilusões.

A consideração predominante da vida corrente, no ensino, não offerece oportunidades bastantes para o ensino dessas aptidões que, mais tarde, devem assumir a direcção da vida real; e os esforços para evitar tudo que é mecanico, para tornar tudo alegre, agradável e intuitivo, pode conduzir facilmente a uma impugnação contra o aspero labor e as duras contingencias da vida (*).

Por isso, nos Estados Unidos, já se têm levantado muitas vozes de censura contra esse systema educativo. Já não faltam pessoas autorizadas, para afirmar que, muito frequentemente, levam das escolas as crianças um preparo insufficiente para a vida de trabalho. Muitos directores de estabelecimentos de ensino superior, nos Estados Unidos, já têm confessado que, na mocidade contemporanea, se vae fazendo sentir, em alto grau, uma aversão, por todo trabalho serio.

Eis a opinião que a experiencia tem feito surgir, em meios autorizados, sobre a educação americana, nos proprios Estados Unidos.

Si passarmos agora a uma conclusão pratica é nosso dever não perdemos de vista o terreno dos principios e nem fechamos os olhos aos ensinamentos da experiencia, para só nos guiarmos por enthusiasmos e illusões.

Muito temos que aprender nos Estados Unidos, em materia de instrucção e educação, principalmente para corrigirmos certos erros nossos, que provêm, não tanto dos processos em si mesmos, mas dos exageros com que são praticados.

Nós somos sempre inclinados a encher de multiplos e variados conhecimentos, a cabeça do alumno, processo quasi sempre contraproducente. Para os americanos, a aquisição de conhecimentos não é grande coisa na obra do ensino; o essencial é que seja despertada a curiosidade critica do alumno; por esse processo, obtem-se intelligencias pouco cultas, mas promptas e vivas.

Na educação, o americano se propõe desenvolver o individuo, permitindo-lhe tirar o melhor partido possível das suas virtualidades. O ideal do ensino é a acção: *Not of learning but of doing.*

Ora, não temos ahí muitos ensinamentos a colher? Entre nós, fiamos-nos e ensinamos nas escolas (talvez seja a maioria) em que, entre paredes nuas, em salas mal construídas e mal mobiliadas, aprendem as crianças em livros mal feitos, com pessimas gravuras ou mesmo sem illustrações, sem cousa alguma que lhes venha agradar a vista, atrahir a atenção e despertar a curiosidade.

Ora, é indiscutivel a inferioridade desse ensino, em todos os pontos.

(*) Ver o citado Wilhelm Müller.

Dahi, porém, a abandonarmos o que é nosso para só imitarmos o estrangeiro, sacrificando o nosso passado, as nossas tradições, o ideal da nossa raça, vae um abismo.

Releva notar, que ha grande illusão em acreditar que o progresso da grande republica americana proceda dos seus methodos educativos, devendo-se concluir que, com a mesma Pedagogia, alcançáremos os mesmos resultados. Não é possível, nos estreitos limites deste artigo, mostrar quaes foram e têm sido os elementos principaes desse progresso, que não pode, em absoluto, ser attribuído á instrucção e educação.

Os vícios e os seis membros da comissão ingleza que foram estudar, nos Estados Unidos, as questões de ensino, chegaram a conclusão de que a educação americana não foi a causa, mas é o effeito da extraordinária prosperidade da grande republica do norte. (*) E aliás, isso mesmo disse á Commissão, o então presidente Roosevelt, com estas palavras: *A educação não fez a America, mas sem a educação a America estaria perdida.*

Ora, desde Sparta sabemos que, muitas vezes, um methodo educativo, que parece ser o fundamento de uma cultura, é o resultado desta e acaba sendo o elemento primordial da sua ruina.

Só foi na segunda metade do seculo XIX, com Emerson, (1842) e mais tarde com Horacio Mann, e, depois de 1870, com William Harris, que se desenvolveu seriamente o ensino nos Estados Unidos. Os seus pedagogos foram a Alemanha e lá inspiraram. Mas, no ensino americano, a occupação pratica foi pouco a pouco sacrificando e absorvendo o ideal, afastando-se consideravelmente do modelo allemão, onde as realizações não destruíram as idealizações, nem a sciencia experimental matou a philosophia ou o progresso material aniquilou a arte.

Estamos, pois, muito bem situados em relação a esse magno problema. Temos já alguma cousa propriamente nossa. Vemos o exemplo dos que estão á nossa frente, com os seus bons e maus fructos. Vamos aproveitar a experiencia feita, sem exageros nem illusões, permanecendo firme e inabalavelmente brasileiros.

Luclio José dos Santos

(*) Langlois—Questions d'histoire et d'enseignement.

ENSINO DE GEOGRAPHIA LOCAL E DE CIVISMO

FLELO

METHODO DE PROJECTO

O projecto origina-se da seguinte maneira: um alumno da classe mudou-se da cidade e os collegas desjeam ter noticias delle. A idéa que logo occorre é esta: escrever-lhe uma carta.

Esta idéa despertá, então, uma serie de exercicios. Assim as crianças fazem, nas aulas de trabalhos manuaes, envelopes e sellos (imitação).

Para despertar interesse nas crianças, um grupo faz uma visita á agencia do correio local. Esta visita é relatada em classe, serve de assumpto para a formação de sentenças e para simples exercicios de composição escripta.

Na aula de arithmetica tem ainda a idéa esta util applicação:

Varios problemas são resolvidos, tomando-se por base os dados colhidos na visita, sobre o movimento do correio, custeio desta reparação, etc.

Na aula de desenho, os alumnos representam o que vieram.

Na aula de moral e civica, discorrem sobre os deveres e responsabilidades de um agente de correio, sobre as vantagens que traz para os habitantes da localidade a reparação publica que elle dirige, etc.

Servindo-se dos sellos feitos, as crianças se exercitam em calculos oraes. Aprendem a contar de 10 em 10, 20 em 20, 100 em 100, etc.

Em uma das aulas, brincam então de correio, deixando-se que elles escolham o alumno que, a seu juizo, pode melhor exercer as funções de agente. E' um bom meio de verificar quaes são os alumnos *leaders* entre os collegas. Os outros alumnos escrevem cartas e põem-nas ao correio, simulando a compra de sellos para a pratica de trocos.

Temos ahí, pois, uma serie de exercicios, com estes optimos objectivos:

- 1º Interessar as crianças pelo meio em que vivem.
- 2º Conhecimento dos deveres profissionalizer.
- 3º Crear motivos reais para a redacção de cartas e exercicios simples de arithmetica.
- 4º Inspirar distrações uteis, como collecção de sellos, por exemplo.
- 5º Desenvolver o espirito de observação.
- 6º Dar apreciação pelos beneficios que gozam as sociedades organizadas.



O ESTUDO DO DESENHO

II A

CULTURA DOS SENTIMENTOS ESTHETICOS



Ates de entrar propriamente no assumpto desta obra, julgo da maior importancia e oportunidade justificar a necessidade imperiosa do estudo do desenho e da cultura dos sentimentos estheticos.

A arte de representar os objectos, os animaes, as plantas, etc., por meio das linhas, é a escripta, quer considrando-se o desenho como um ramo preparatorio para o exercicio de industrias, quer olhando sob o ponto de vista educ.ivo.

Os melhores productos se devem aos individuos que pôde revelar suas obras d'um aspecto formoso e artistico, e, além disso, qualquer ser humano, normalmente constituído, necessita da arte para satisfazer suas emoções estheticas.

Em sua obra «Ensaio de arte industrial», Laboulaye affirmá que a Inglaterra, com seu elevado bom senso, tendo visto na exposição de Londres bem claramente tudo que faltava fazer nas artes, não só fundou os museus de Sidenham, de Malboug House, como tambem um grande numero de escolas de desenho. O governo inglez viu que o futuro do seu immenso commercio de exportação dependia dos *progressos artisticos* dos seus productos.

Na referida exposição de Londres, em 1851, verificou-se que a proporção dos premios de primeira ordem, conferidos a estrangeiros foi de 8 para mil expozitores; para os francezes, porém, essa proporção elevou-se a 30.

O segredo da victoria da França estava apenas no cuidado com que se mantinham numerosas escolas de desenho em Lion, Nimes e Paris.

Alexandre, dizia Aristoteles, queria que a mocidade fosse instruída na arte do desenho, para que mais facilmente conseguisse o conhecimento do bello, e as officinas dos artistas chegaram a ter frequencia identica a das escolas de philosophia.

Si em nosso país existisse o prestigio cuidado que merecem as artes, não perderíamos tão directamente das ourtras nações do globo, porque a nossa produção encontraria habéis auxiliares.

Hartman referindo-se aos principios artisticos da escola disse: «abrir o coração juvenil, duplamente impressionavel, ao nobre gozo da arte, será d'aqui por deante uma das ele-

vadas missões da Escola, missão nada facil, mas de fins os mais bellos e meritorios». A cultura dos sentimentos estheticos desempenha nobilissimo papel na educação, é a causa indispensavel das mais nobres aspirações humanas. A belleza é uma entidade motora que induz o homem a buscar o desenvolvimento do seu organismo. E se a educação physica consiste em cultivar e exercitar os orgãos e as funções do corpo, para que, conseguindo robustez e agilidade, sejam fiéis servidores do espirito, vê-se o influxo da belleza na educação physica.

O combate energico ao analfabetismo é uma medida de salvação publica, mas ao lado do alho — deve figurar a linguagem ideographica, o estudo do desenho, que dará como resultado o aproveitamento de forças que, sem esse complemento, se desviam dos rumos da sabedoria que mais impulsionam o progresso das nações: a industria, a agricultura e o commercio.

Porque não organizar escolas que preparem o individuo de qualquer sexo para a vida pratica? A comprehensão da forma é uma necessidade e a sua representação facilada de modo notavel a educação despertando as facultades de ob-ervação e o estimulo, desempenhando ainda mais o nobilissimo papel de nacionalisar a nossa produção.

O futuro do Brasil está em preparar os homens de modo a dar-lhes p-offícios e remunerativas distinctas, em aproveitar sciencientemente os bra-os ociosos e em minorar pelos meios modernos tambem scientificos, o trabalho excessivo dos braços activos.

Para isso é necessaria a educação pratica especial, a fundação do Lyceu de artes e officios, com aulas nocturnas, de Institutos profissionais para homens e mulheres, de Escolas de educação physica e manual e de Cursos de desenho e trabalhos manuaes nas escolas existentes.

Desses estabelecimentos sairiam preparados os operarios e os professores que divulgarão o ensino segundo as normas da moderna pedagogia que ensina primeiro a trabalhar e depois a tirar partido do que sabe, applicando a concreta technica em resolver problemas e em dar forma concreta ás creações proprias, ou a confeccionar meios que facilitem o estudo das sciencias e das artes.

Essas medidas salutaras fizeram a grandeza das nações da Europa e levaram a America do Norte a uma posição tal de grandeza que não basta a admiração d'uma geração humana para premir do seu efforço.

Inlito o Brasil esses proficuos exemplos não se contentando apenas com o que a Natureza prodizia lhe dá, mas procurando obter d'ella o maximo de sua produção.

As conquistas moles, asão puramente da intelligencia e povos independentes são aqueles que põd m viver do seu trabalho, exercendo com segurança a sua proveitosa actividade.

Para isso é indispensavel a educação artistica, o conhecimento das artes liberaes e mechanicas, em summa o desenho e a cultura dos sentimentos estheticos.

PROF. ANIBAL MATTOS

(Introdução á obra «O estudo do desenho»)

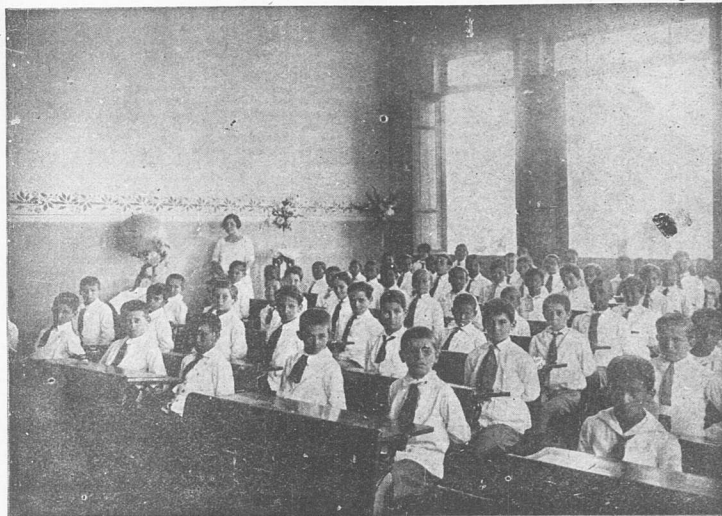


PLANOS PARA O ENSINO DE GEOGRAPHIA

Um bello movimento innovador agita, nestes ultimos tempos, o ensino publico primario em Minas.

Conscientes de que o futuro da Patria está na Escola, os directores do actual governo não têm poupado esforços no sentido de aperfeiçoar os methodos educativos de ensino.

Tendem a desaparecer os vestigios dos antigos processos. A supressão do ensino *livresco* e dos *pontos* que sómente atrophiam a actividade innata na criação é o golpe de morte ás tradições legadas pelas idéas ancestraes.



Grupo Escolar « Barão de Macahubas »—Alunos em aula

«A educação deve ser a integral preparação da criança de hoje á iniciação da vida completa do adulto de amanhã. Um sentido evidentemente pratico deve, pois, presidir á organização e á ordem dos trabalhos escolares.

Pela acção conjunta dos factos, que forma como que a dinamica do organismo social, a escola torna-se a actualidade, a propria vida, emfim.

Seja a creança na escola o que ha de ser mais tarde — eis a tarefa da professora.

Isto posto, falemos de uma vez do fim a que nos propuzemos.

Nesta secção, temos o encargo de fazer o estudo systematizado da Geographia nos Grupos Escolares, organizando lições de conformidade com o quadro da materia exigida no programma. Por hoje, vejamos alguma coisa sobre o objectivo complexo dessa disciplina.

Cumprir, antes de tudo, precisar-lhe o espirito, determinando, depois, o seu papel e a sua utilidade no preparo geral do individuo. *Geographia* não é exclusivamente a descripção da Terra, não é só uma longa e fastidiosa enumeração, sem proveito definitivo. Bem feito, é um estudo recreativo e interessante, que concorre para a educação do alumno, por isso que, tratando «dos phenomenos physicos, biologicos, e sociaes, considerados em suas causas e relações reciprocas», estabelece

a perfeita communicação do individuo com o meio em que vive.

O homem é, sem duvida, o factor primaz do interesse geographico. A anthropo-geographia é a idéa centralizadora do estudo. Partindo dos factos materiaes para os aspectos geraes de ordem social, a Geographia traz relações de causas e de effectos, operando o entrelaçamento do mundo physico com a vida moral, definindo, então, a situação civil do homem.

O estudo, porém, deve ser racional e methodico. Já foi fortemente combatido o abuso da memoria na instrução geographica. O ensino, bastas vezes o ouvimos, deve entrar pelo sentido, *concretizado*. Como diz Melebranche, «a imagem é o vinculo da razão». E a Geographia se presta admiravelmente á elaboração de imagens que são, pedagogicamente falando, estupendas manifestações de alcance intellectual.

A modelagem em barro e arca é um meio apreciavel de transmissão para as primeiras aulas. Sejam as explicações expostas sobre a forma de desenhos eschematicos, para guia, seguidos de mappas coloridos, como vehiculos de conhecimentos, o que é um encanto para a creança. A enumerações abstractas, opponham-se casos typicos da realidade.

Por esse processo, ampliam-se-lhes, instinctivamente, as faculdades perceptivas. Sem sobrecarga de memoria, creanças de 1º anno e de 2º conseguem fazer uma exposição coordenada do assumpto, graças ao poder visual, habilmente

exercitado, de par com as noções intuitivas completadas nas excursões e no cinema.

Nos annos superiores, acrescentem-se a analyse dos agentes dos factos geographicos, como, por exemplo, o que determina a localização das cidades, a construcção de estradas de ferro, as causas do crime, as variantes ethnicas, etc., etc., relacionando-se praticamente a geographia com outra sciencia.

Façam os alumnos dissertações, descripções geographicas, narrações, aproveitando o cabedal colhido nos passeios. São recommendaveis as leituras de trechos de viagens, para illustrar as lições, bem como photographias. A professora deve facilitar a discussão entre os alumnos, de sorte que cada um exponha o resultado de sua observação.

Dedicando especial carinho á situação economica de Minas e do Brasil, em geral, estudem rigorosamente sua localização, industria, agricultura e commercio, em mappas com dados comparativos.

Exposto o plano de nosso trabalho, iniciaremos, no proximo numero as «Lições de Geographia».

Bemvinda de Carvalho

UM PROCESSO NOVO PARA ENSINAR O METHODO DE «PROJECTOS»

Ha alguns annos adoptou-se, na Alemanha, um novo methodo de ensino: o chamado methodo de *projectos*, o qual consiste em escolher-se um assumpto de interesse, que possa achar no desenvolvimento intellectual do alumno, e desdobrar-se numa serie systematica de lições.

Esse methodo encontrou boa acolhida nos Estados Unidos e tem sido, de alguns annos para cá, objecto de estudo e de experimentação por todos que, naquella paiz, se dedicam á arte de ensinar. Os resultados são bastante satisfactorios.

O ensino torna-se mais interessante aos alumnos. Estabelece-se intima correlação entre as diversas materias do programma escolar, o que não se dá com os outros processos em que as materias são ensinadas isoladamente, como si entre ellas houvesse a separação de uma muralha.

Para que se tenha uma noção do novo me hodo de ensino, vamos desenvolver uma lição tal como foi observada em uma escola americana, ha poucos mezes!

Um «projecto» sobre o Brasil.

Objectivo da professora—Fazer conhecido dos alumnos o paiz por meio do estudo de seus dois mais importantes productos agricolas: o café e a borracha.

Objectivo dos alumnos—Formar uma sociedade de commandita para explorar uma fazenda de café ou uma plantação de borracha no Brasil.

Desenvolvimento do projecto:

A professora leu em classe uma noticia publicada no jornal do dia, com referencia á necessidade de capital estrangeiro para o desenvolvimento dos grandes recursos naturaes da America do Sul.

Contou-lhes como os paizes da Europa têm empregado capitães na exploração das riquezas naturaes daquella parte do continente americano, e apontou-lhes as vantagens que com isso obtiveram, monopolizando o commercio e auferindo bons lucros.

Determinou que os alumnos pensassem em meios para empregarem lá o capital que iam imaginariamente formar; bem como na escolha do paiz em que a collocariam.

Na aula seguinte, cada alumno expoz suas idéas sobre os pontos indicados pela professora, e, conforme a maioria da classe resolveu, fundou-se uma associação commercial imaginaria, para exploração de um dos productos naturaes mais importantes, sendo o Brasil o paiz escolhido. Então foram á biblioteca procurar os livros indicados pela professora e em que havia referencias aos productos naturaes do Brasil. Os pequenos estudantes leram com grande interesse e curiosidade e tomaram varias notas.

Na terceira aula, os alumnos leram suas observações e chegou-se á conclusão de que os productos que mais os interessavam, eram o café, cujo consumo no paiz é de 9 libras por cabeça, e a borracha cujo consumo, mesmo na localidade da escola—Detroit—onde se fabricam muitissimos automoveis por dia, era immenso.

Foi então suggerida, por um dos alumnos a formação de uma companhia commercial.

Esse alumno ficou incumbido de apresentar no dia seguinte os planos para a formação da companhia, devendo cada um dos outros alumnos trazer boas idéas que o auxiliassem.

Na aula seguinte, os alumnos estavam todos munidos de mappas, livros, notas tomadas de livros que haviam lido nas bibliotecas publicas, amostras de café, instruções para a organização de companhias commercias, gravuras, emfim, uma variedade immensa de material contendo informações e illustrações do Brasil e do café. Reunava na classe tal entusiasmo que parecia notar-se alli a presença de verdadeiros industrialistas.

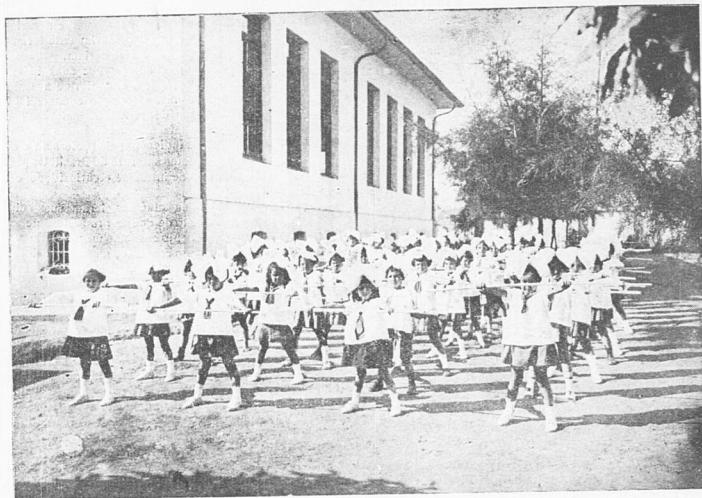
Dada a palavra a um alumno, discorreu elle sobre as vantagens que obteriam os socios de tão importante companhia, enaltecendo o valor da apreciada rubiacea.

Procurou interessar a assistência na zona cafeeira, mostrando mappas e gravuras, graphicos, estatisticas, e lendo artigos de jornaes e de revistas sobre os Estados de São Paulo e Minas. Outro alumno discorreu sobre o clima e o solo daquelles Estados. Descreveu o methodo de cultivo e da colheita do café. Apresentou amostras de café em grão e explicou como é preparado. Fallou sobre a importancia deste producto na vida economica do Brasil e sobre seu consumo nos outros paizes.

Constituiu-se então, a companhia com todas as formalidades, marcando-se para a aula seguinte a discussão de seu trabalho no Brasil.

Os alumnos, interessadissimos no assumpto, buscavam as bibliotecas á procura de material de informação e cada qual desejava ser o portador de maior copia.

Resolveu-se, por proposta de um dos alumnos, mandar um representante da companhia ao Brasil para compra de terreno e installação da commissão que devia lá iniciar o trabalho. Escolheram-se o representante e seu secretario que iriam dentro de poucos dias encetar a viagem imaginaria. Nas aulas de inglez (língua patria), escreveram-se cartas ás companhias de navegação, ao consulado brasileiro e á Associação Pan-Americana pedindo informações sobre partidas de vapores, duração da viagem, preços de passagens, etc; sobre os requisitos para a obtenção de passaporte; sobre o clima, estação do anno, lingua e costumes do paiz. Enquanto aguardavam respostas, continuavam a estudar o Brasil sob varios aspectos. Obtidas as respostas com as informações pedidas, iniciaram-se os preparativos da viagem. Problemas foram resolvidos sobre as despesas com passagens, compra de roupa e



Grupo Escolar «Barão de Macahubas»—Alunos em gymnastica.

outros objectos que deviam levar os alumnos que iam, imaginariamente, partir. Calculou-se a despesa que fariam lá com a estadia e a instalação da companhia, em moeda brasileira, informando-se do cambio do dia.

Afinal, chegou o dia da partida e a viagem simulada foi feita. De Nova York, escreveram cartas aos directores da companhia (em estylo commercial), a amigos menos e mais intimos, aos parentes, a colegas, etc.

De bordo, outras cartas foram escriptas, inspirando-se os alumnos em artigos escriptos ou cartas publicadas em revistas sobre o mesmo assumpto que se discutia na escola. Os alumnos estavam perfeitamente compenetrados de que a viagem era uma realidade... nos seus sonhos de aventuras que, talvez, povo algum cultive mais que o americano.

Resultado das lições:

1. Conhecimento de formação de companhias.
2. Conhecimento dos fins e objectivos da União Pan-Americana.
3. Conhecimentos de leis americanas e brasileiras sobre formação de companhia para exploração de industria no estrangeiro e por extrangeiros.
4. Cambio e preços de terrenos no Brasil.
5. Informações geographicas completas.
6. Commercio entre os Estados Unidos e o Brasil e entre este e outros Paizes.
7. Problemas sobre medidas agrarias e moedas adoptadas no Brasil.

8. Estudo das condições sociais, commerciaes e economicas do Brasil, comparando-as com as mesmas condições nos Estados Unidos.
9. Prática de redacção de cartas em varios estylos.
10. Estudo de modos e meios para fazer uma viagem de negocios e de instrucção simultaneamente.
11. Conhecimento de relações internacionaes, dos deveres de uns povos para com os outros, e dos meios por que as nações pôdem auxiliar-se mutuamente.

O PAPEL EDUCATIVO DA

MEMORIA VISUAL E AUDITIVA

A educação visual tem, nos ultimos tempos, despertado vivo interesse, e os methodos de ensino baseados na percepção visual vão sendo introduzidos com carinho nas escolas elementares da America do Norte. E' sem duvida, perfeitamente justificado o entusiasmo que estão despertando estes methodos; convenm, entretanto, lembrar que grande quantidade de conhecimentos humanos, de ordem profissional ou não é fornecida em palestra, discursos, conferencias, isto é, por influencia de natureza auditiva, o que contraria a these, tão

insistentemente sustentada, de ser a audição um sentido dechido nas suas funções educativas.

Numerosos autores americanos têm estudado, comparativamente, o valor dos methodos baseados na apresentação auditiva ou visual do objecto a ensinar. Quasi todos os seus trabalhos, porém, se encontram, evitados de tantos erros tecnicos, que os resultados discordantes, que apresentam, não jódem merecer grande credito.

WORCESTER tentou estudar este problema, em um artigo publicado no «The Journal Of Educational Psychology», de Baltimore, vol. XVI, nº 1, 1925, com o fim de verificar qual dos dois methodos permite ensinar um determinado assumpto com mais rapidez, isto é, com menor numero de repetições e, portanto, em prazo mais curto, bem como qual permite conservar, por maior periodo de tempo, o assumpto ensinado. As experiencias foram praticadas com treze estudantes, de diferentes edades e dos dois sexos. A materia a ensinar constava de um trecho em prosa, contendo cem palavras. O auctor tinha previamente procurado escolmar o seu trabalho dos erros apontados nos dos outros experimentadores que o precederam.

As suas condições são as seguintes:

- 1)—Nenhum dos dois methodos, nem o baseado na percepção auditiva, nem baseado na visual, apresenta superioridade um sobre o outro, quando apreciados sob o ponto de vista de rapidez, de comprehensão e numero de repetições necessarias para tornar perfeita a comprehensão.
- 2)—A capacidade de retenção da materia ensinada manifesta-se maior com o methodo auditivo do que com o visual.
- 3)—Essa capacidade, isto é, a de conservar o assumpto, é proporcional á facilidade com que elle foi aprendido.
- 4)—Para cada individuo, a capacidade de aprender e um assumpto dado é a mesma, qualquer que seja o methodo adoptado.
- 5)—A idade não exerce influencia quanto á capacidade de aprender, mas influe de certo modo sobre a conservação daquillo que foi aprendido. Não poudo o auctor verificar a influencia quanto ao sexo.
- 6)—Uma recordação feita no dia immediato fortalece a conservação da materia ensinada; o effeito de uma segunda recapitulação faz se sentir durante muito tempo.
- 7)—Existem grandes diferenças individuais quanto á capacidade de aprender e conservar.

Em resumo: o methodo auditivo parece ser superior ao visual, sob o ponto de vista da conservação de um assumpto ensinado; é, pois, aconselhavel que, nas escolas elementares, não seja desprezado o ensino baseado na percepção auditiva.

O ensino de historia pelo methodo projecto

Ha na historia patria episodios que se prestam para o uso deste methodo.

Supponha-se, por exemplo, uma classe de segundo anno de grupo escolar. Vae-se-lhe ensinar a lição sobre Caramurú.

Primeiramente, conta-se-lhe o episodio, usando de linguagem muito simples porém tão expressiva, que a criança a possa reconstruir em sua imaginação.

A' narrativa, segue-se a representação escolhendo-se a scena mais interessante do facto para ser representada—aquele

la em que Caramurú, aprisionado pelos tupynambás, toma do seu mosquete e, alvejando um passaro, mata-o com um tiro.

A representação é muda. Usa-se apenas mimica para expressão das idéas. As proprias crianças fazem a imitação do mequete de Caramurú, dos arcos e flexas dos indigenas, bem como dos cocares e outros caracteristicos dos selvagens.

Para representação em classe, os alumnos usam a roupa de costume. Quando representarem para o publico ou para todos os alumnos do estabelecimento, podem idealizar vestuario a caracter, sob a direcção do professor.

Depois, o mesmo episodio pode ser representado em SILHOUETTE a qual consiste em reproduzir os factos por meio de figuras adequadas, exhibidas de publicações.

Para esse fim nomeam-se commissões, que vão colleccionar o material necessario. E' então indispensavel grande copia de revistas illustradas, porque se procura uma gravura que possa dar idéa de Caramurú, outras de indigenas, de florestas, de tabas; de arcos, de flexas, etc., são necessarias para essa representação em silhouettes.

O material, á medida que vae sendo obtido, é trazido á classe para ser criticado pelos alumnos.

Nas aulas de trabalhos manuaes as figuras podem ser traçadas e serem em papel preto e cortadas. As creanças mais habéis em desenho traçam-nas de imaginação e recortam-nas. Feito isto, preparam em papel branco, de 9 por 12 pollegadas, a representação do sitio em que se deu o facto: sóio, ceco, mar, floresta, aldeia, riacho, etc. Então collam-se as figuras de modo a representar a scena.

As folhas de papel branco são colladas em outras de papel preto de 12 por 17 pollegadas. Cada alumno escreve o nome em pequenos pedaços de papel branco, que são collados na margem inferior do papel preto.

Com um cordão de cór viva, prendem os papeis, formando um livro illustrativo do episodio que será, com os demais trabalhos manuaes, exposto no fim do anno.

Pelo mesmo processo podem ser representados outros episodios da historia. Este trabalho agrada e interessa extraordinariamente as crianças. Os factos historicos assim re-criados por ellas, jámais se lhes vão da memoria.



Progressos dos methodos e meios de educação no Brasil

Iniciou-se ha pouco, no Brasil, o movimento para a introdução dos TESTS pedagogicos e intellectuaes nas escolas. O Distrito Federal foi o primeiro a adoptal-os e, em segundo lugar, vem o Estado de Minas, que já os adoptou em seu novo regulamento de ensino.

Dentro em pouco, estarão elles postos em pratica nas escolas mineiras. Das grandes vantagens que advirão de seu uso para o progresso do Estado, destacam-se as seguintes por serem as mais importantes:

1º Maior eficiencia no ensino, pois neste sero as consideradas com mais segurança as diferenças individuais?

2º Descoberta das intelligencias superiores que, bem dirigidas e encaminhadas, prestarão luminoso serviço ao desenvolvimento do Estado e mesmo do Paiz.

3º Aproveitamento do talento e das capacidades innatas dos individuos que podem ser melhor orientados na escolha de profissões.

Revista do Ensino

4^o Melhor organização dos estabelecimentos que seguem o governo na adoção de TESTS quanto à admissão de seu pessoal, tais como operários de fabricas, empregados de commercio, etc.

5^o Diminuição de crimes, pois está reconhecido já que as pessoas que sofrem de fraqueza de intelligencia são propensas a commetter crimes. Desde que este defeito seja descoberto na escola, poderão ellas receber educação adequada e os cidadãos que merecem para garantia da sociedade.

6^o Melhor fiscalização dos trabalhos escolares e maior estímulo para os bons professores.

7^o Melhoría de material didactico, pois o uso dos tests pedagogicos o exige.

Considerando estas e muitas outras vantagens, verifica-se a importancia do movimento iniciado em Minas com a introdução deste novo methodo de exame mental e escolar.

Há mais de trinta annos que vem sendo adoptado nos Estados Unidos e hoje é geral o enthusiasmo e a confiança que elle desperta naquella paiz.

Não são unicamente os estabelecimentos de ensino e educação que adoptam os tests nos Estados Unidos. No exercicio e na marinha; nos estabelecimentos industriaes e commerciaes; nas casas de correção e nos asyls, etc., o test é empregado com effieciencia real.

Os TESTS de intelligencia tem concorrido nos Estados Unidos para os trabalhos sociaes que naquella paiz se fazem com tanto exito.

Nenhuma outra parte do mundo enaltece com mais força o valor da criança no futuro da nação. Allí procura-se descobrir a criança precoce de intelligencia, a criança genio, a criança subnormal, physica ou mentalmente, para se cuidar della e transformal-a em elemento constructor na sociedade.

Por meio de estudos accurados e de observações minuciosas, verificou-se que a criança anormal precisa de trata-

mento especial para não prejudicar a sociedade em que vive, quando se tornar adulto. A criança de intelligencia superior sera, quando adulto, leader do bem ou do mal, conforme a educação ou tratamento que receber, ou viverá para si sem que de seu precioso dom possa aproveitar a nação.

Nos Estados Unidos isto não se dá facilmente. A frequência á escola é obrigatoria e lá a intelligencia da criança é seriamente examinada, e mil associações phylantropicas estão promptas a encarregar-se das crianças que podem ser transformadas em factores efficientes do progresso da nação. São modelares os asyls de orphãos e as casas de correção para menores.

Nestas ultimas, ha psychologos especialistas em tratamentos de crianças delinquentes, que lhes curam o pelo menos alliviam as molestias do corpo e da alma.

Em um desses grandes estabelecimentos — THE OHIO BUREAU OF JUVENILE RESEARCH, ainda ha pouco, examinaram-se 400 detidos e verificaram-se nestas crianças 2,083 deteitos physicos, quatro e meio por individuo, na media. Quanto ao exame mental a que foram submettidos, o resultado, vem reforçar a convicção de que são geralmente fracos de intelligencia os criminosos communs, pois apenas 17 dessas crianças revelaram intelligencia normal, sendo todas as outras anormaes.

Nem uma de intelligencia super normal foi encontrada entre ellas.

Minas, que abriu sempre as suas portas aos movimentos que fecundam e enobrecem a terra brasileira, vae por certo inscrever na historia da educação de seus filhos, como um dos capitulos mais brilhantes, a adopção dos Tests pedagogicos e de intelligencia nas casas de ensino que se-alam e florescem pelo Estado.

IONACIA GUIMARÃES



Grupo Escolar «Barão de Macahubas»

Gymnastica respiratoria

Phenomenos respiratorios durante o trabalho muscular. Necessidade da gymnastica respiratoria. Como deve ser ensinada.

Anna Luiza de Araujo.

A gymnastica respiratoria, assumpto de maxima importancia, tem por objectivo desenvolver os pulmões, regenerar o sangue, activar a combustão das substancias alimentares e a eliminação daquellas cuja permanencia no organismo se torna nociva. Num systema de gymnastica educativa, desempenha, pois, a gymnastica respiratoria importante papel.

O apparelho respiratorio preside as operações do consumo do oxygenio e da eliminação do acido carbonico, e o seu bom funcionamento depende da capacidade pulmonar, da intensidade do trabalho muscular, e da presteza com que é este executado.

O augmento na intensidade da ventilação pulmonar (bõa respiração) assegura a melhor absorção do oxygenio e eliminação do acido carbonico; e esse augmento, como já o mostrára Lavoisier, está ligado á intensidade do trabalho muscular.

Tanto mais perfeita será a ventilação pulmonar, quanto mais energico o movimento respiratorio; tanto maior será tambem a quantidade de oxygenio fornecida, por intermedio do sangue, a todos os tecidos. Em consequencia, haverá no organismo uma excitação maior e uma combustão mais intensa.

Em cada individuo, a capacidade vital está em correlação intima com a amplitude da expansão thoracica e o volume dos pulmões. Nesse movimento de expansão thoracica, cabe ao diaphragma importante papel. A maior amplitude do thorax depende da elasticidade das suas paredes, isto é, da bõa conformação destas e da potencia dos musculos inspiradores — applicações physiologicas que a educação physica e, sobretudo, a gymnastica respiratoria são capazes de desenvolver.

As qualidades das paredes thoracicas são asseguradas pela flexibilidade dos musculos e das articulações dos seus differentes segmentos. Ora, a gymnastica respiratoria provoca o desenvolvimento dos musculos inspiradores e auxiliares da expansão. A intensidade das trocas gazosas, realizadas nos pulmões, está ligada á morphologia thoracica.

Assim, pois, o trabalho respiratorio, a absorção do oxygenio regenerador, a eliminação do acido carbonico e de outros productos da nutrição, que se tornaram nocivos ao organismo, toda essa função importantissima pode ser consideravelmente auxiliada pela gymnastica respiratoria, para ser util e effizaz, precisa ser orientada mediante um methodo scientifico. O exercicio physico da respiração, para que esta seja completa e rythmada, deve ser dirigido por um bom educador.

Dous typos ha, bem nitidos, de respiração — o abdominal e o thoracico. Na respiração thoracica entra em jogo, principalmente, o thorax.

A respiração abdominal é caracterizada por largos movimentos do abdomen, resultando principalmente dos movimentos do diaphragma.

A respiração para ser completa deve comprehender os dous typos de modo a offerecer á hematose, a maior superficie pulmonar possivel,

Pela deficiencia de exercicio respiratorio, podem certas partes dos pulmões permanecer inactivas e atrophiar-se. E' o que acontece facilmente nas pessoas de vida sedentaria, que, por isso, se tornam fracas, anemicas e mais accessíveis aos agentes morbidos.

A execução dos exercicios respiratorios deve, portanto, ser perfeita e completa. Perfeita, para auxiliar o movimento dos musculos e beneficiar os pulmões. Completa, para proporcionar a melhor troca dos gazos, oxygenando bem o sangue.

E' prejudicial o methodo de desenvolvimento physico, que não vise assegurar uma caixa thoracica bastante ampla; pois, augmentar o volume e o trabalho dos musculos é augmentar as necessidades respiratorias, exigindo, pois, melhores pulmões e mais perfeita respiração.

A respiração não se deve fazer pela bocca, mas pelas narinas. O nariz, como o demonstra a sua anatomia, e não a bocca, é o orgão externo da respiração. As fossas nasaeas são providas de pellos e de algumas anfractuosidades que detêm as impurezas arrastadas pelo ar, as quaes penetrariam facilmente pela bocca até os pulmões.

Além disso, sendo mais lento pelo nariz a passagem do ar, isto se aquece um pouco, aquecimento que é muito vantajoso, no caso de ar muito frio, evitando assim graves, molestias pulmonares.

Outra cousa a observar é que não se devem fazer os exercicios respiratorios sem alguns intervallos de repouso.

Não deve ainda o professor perder de vista estes tres elementos: o local dos exercicios, a constancia destes e a sua execução perfeita e hygienica.

Carta Aberta

Prezadissima collega Maria Carmen,

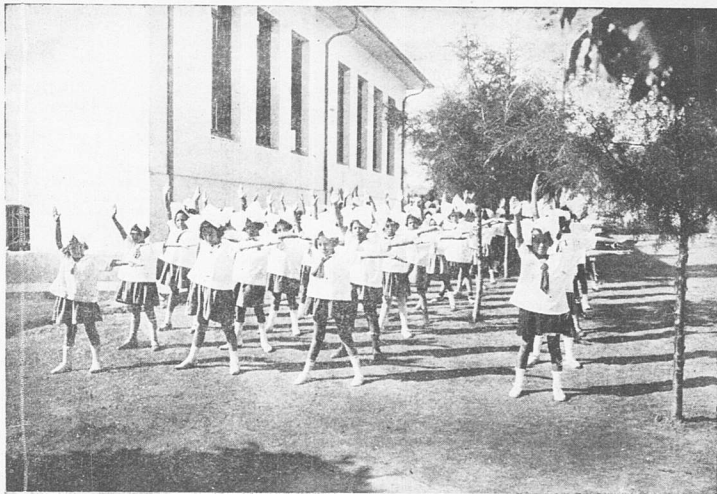


esalta das formosas paginas de tua benevolencia, que só hoje tive a dita de receber, tal generosidade nos concelhos e nas apreciações referentes á minha humilde pessoa, que deveis contundida, não encontro termos que, ao vivo, traduzir-te possam meus effusivos sentimentos de gratidão, de verdadeiro e immenso reconhecimento.

A amizade, minha Carmen, tem disso: torna-nos, por vezes, optimista e quem por ella se deixar guiar vê tudo através de prismas coloridos, encontrando modalidades suavisimas, encantadoras nuances, rutilas belezas e harmonias raras, onde tees primores de facto nunca existiram.

É o que se dá contigo: o julgamento que de mim fazes, parte do coração e não do senso, é parcial e suspeito, emotivo e não razoavel.

Vou, entretanto, procurar corresponder á tua sobremaneira honrosa confiança, publicando, conforme pedes, uma ligeira exposição dos methodos por mim empregados para a transmissão dos primeiros rudimentos da lingua patria.



Grupo Escolar «Barão de Macahubas».—Alunos em gymnastica.

Servir-nos-emos para isso, do resumo feito por Claparède, num de seus magníficos livros. (*)

Reconhecer e de algum modo avaliar a capacidade de um individuo é preocupação antiga. Pode-se, entretanto, dizer que, até os fins do século passado, até 1883, o que se fez a esse respeito, muito pouco ou nenhum valor teve.

Antigamente, interrogavam-se os astros, os signos sobre cuja influencia havia nascido o individuo, processo que ainda se empregava, pelos meados do XVII seculo.

No século XVIII, Lavater e, no começo do século XIX, Gall, tentaram encontrar signaes denunciativos das qualidades e aptidões do individuo, na fórma do seu cráneo.

Mais tarde, em 1873, voltaram outros a sua attenção para a letra. O anthropologista inglez, Francis Galton, em 1883, foi o primeiro a cogitar desta questão—*medir a capacidade do individuo*, questão que ponde, então, parecer sobremaneira extravagante.

Galton, porém, tinha um objectivo differente, pois, cuidava apenas de melhoramento da raça, sendo considerado como fundador da *eugenia*. Nada fez, portanto, no terreno propriamente pedagogico.

Em 1885, o psychiatria allemão, Rieger, de Wurzburg, para apreciar o estado mental de um doente, ferido no cerebro, para fazer, como dizia elle, o *inventario psychologico* desse individuo, organizou uma serie de provas, no terreno da percepção, da memoria, da comprehensão, etc.

Esse methodo de experimentação em que se levava em conta o tempo, em que se fazia a *chronometragem*, era inteiramente novo, chegando o seu auctor a estabelecer um plano para «o exame da intelligencia.»

Estava ahi lançada a idéa fundamental dos *tests*, embora faltasse um ensaio qualquer de estalona-gem.

Seguindo esse caminho, Oerhn estabeleceu outras series de provas, desenvolvendo as idéas do seu compatriota.

Em 1890, nos Estados Unidos, Cattell propoz uma serie de provas para determinar a *physiologia mental*, ás quaes denominou *mental tests*.

Embora não hajam penetrado nas escolas e nem provado utilidade pratica, tiveram esses trabalhos de Cattell a vantagem de atrahir sobre o assumpto, grande attenção.

Em 1896, Binet e Henri, criticando com razão os seus predecessores, que ligavam demasiada attenção a processos psychicos inferiores, como sensações e movimentos elementares, mostraram que o individuo distingue-se melhor pela sua capacidade de attenção, imaginação e intelligencia do que por sua aptidão tactil ou olfactiva.

Toulouse, Guicciardi, Ferrari e, mais tarde, (1899) Sommer, trataram do assumpto. Foram então surgindo typos differentes de *tests*, devendo-se muito, nessa materia, a Gilbert e Ebbinghaus.

Entretanto, só em 1905, com os trabalhos notaveis de Binet e Simon, é que ponde esse estudo

entrar em uma phase promissora dos melhores resultados.

O exame e reconhecimento fragmentarios das aptidões do individuo, manifestados por meio deste ou daquelle *test*, não tem grande valor, si não é possível uma conclusão sobre o nivel mental, si nos existe uma *escala metrica de intelligencia*, si os resultados obtidos não permitem diagnosticar em annos, ou melhor, em mezes, o avanço ou atraso intellectual da criança examinada.

Collocar o assumpto nesse terreno, tal foi o merito consideravel e incontestavel de Binet e Simon.

Em França, ligou-se a esses trabalhos pouco valor, não faltando mesmo quem sobre elles lançasse o ridiculo.

Mas, na Allemanha, com Robertag, na Belgica, com Decroly, na Suissa, com M.elle Desooutres, nos Estados Unidos, com Kuhlman e Goddard, na Suecia, com Jaederholm, na Italia, com Treves e Saffiotti, foram esses os trabalhos apreciados, verificados e desenvolvidos.

Resulta que um *test* não tem valor, si não é graduado. Formular *tests* é facil; estalona-os, muito difficil.

Hoje, encontra essa materia um grande numero de cultores, que muito tem contribuido para o progresso do emprego do novo methodo, assim: Whipple, de Sanctis, Decroly, Rossolimo, Jerks, Lipmann, Burt, Porteus, Terman, Thorndike, etc.

No Brasil, já estão sendo empregados os *tests* no districto Federal, pelo dr. Paulo Maranhão; e, em Minas, já está iniciada a sua applicação, depois das aulas praticas que, sobre esse assumpto, nos veiu dar o Prof. Baker.

(*) Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers, Paris, 1924.

Test de intelligencia

Alumno X.

Edade — 10 annos e 11 mezes — 131 mezes.

Annos que frequentou escolas — 3.

Tempo — 8 horas e 15 m'. — 9 h. 40 m'. — 1 h. 25 m'.

	ANNOS	MEZES
8 annos	8	0
9 >	1	0
10 >	1	0
12 >	4 (4 cada um)	1
14 >	3 (6 >)	1
	12 annos	10 mezes —

154 mezes.

Edade mental — 12 annos 10 mezes ou 154 mezes.

Edade chronologica — 10 annos e 11 mezes ou 131 mezes.

Q. I. 117 ou 118.

Exame feito pela professora Anna de Santa Cecilia e aprovado pelo Dr. C. A. Baker.

Bello Horizonte, 20 de Fevereiro de 1925.

mos, imagino o que se dará contigo, ahi, nesse pittoresco e longinquo recesso do sertão mineiro.

Aligura-se-me ver-te em meio aos teus alumnos a ouvir e a procurar reprimir phrases deste quilate: «Sús Christo, sá mestra! Nhô pae mandou fala, módé até disculpa nós prá via de num chegá na urinha certa e de num sabé os nome da cartira. Nhá mãe tá perrengeu i nós num pôde lê indés du dmingo até hoje».

— Pobre Carmen! Que milagres de esforço, de zelo, de abnegação, terás de empregar para o fiel desempenho de teu nobre papel de semeadora da luz!

Procurarei auxiliar-te no limite de minhas forças, levando ao encontro de teu admiravel talento tudo o que á minha pratica de longos annos de estudo e de magisterio possa parecer util.

Aguarda, pois, o proximo numero da revista e, até lá aceita um grande abraço da sempre tua,

Maria Rita Burnier
Bello Horizonte, Maio de 1925

TESTS

E' assumpto que está na ordem do dia. Pouco conhecidas são, entretanto, as suas origens, merecendo que sobre ellas aqui digamos alguma coisa, satisfazendo a justa curiosidade de muitas pessoas que já estão, nesta Capital, a cuidar da materia.

— Como conseguir que as creancinhas do primeiro anno adquiram linguagem clara e correcta?

— De que modo agir para obter d'ellas narrações oraes mais ou menos claras e acertadas?

— Como é possível, sem o auxilio de regras grammaticas, fazer com que empreguem convenientemente as notações syntacticas?

— Qual o methodo rapido e racional para a perfeita assimilação do programma do terceiro anno e do quarto: passividade, syncletismo, impessoalidade verbal, etc.?

Tua apreciada cartinha me veio ás mãos tarde, de modo que já não disponho de tempo para no presente numero desta Revista, responder aos teus questios; no proximo numero, todavia, iniciarei, attendendo ao teu pedido, uma modesta explanação, que terá, apenas, o merito da boa vontade, sobre o programma de lingua patria adoptado em nossas escolas.

«A lingua patria, sobretudo, muito me preoccupa e innumeradas vezes vejo-me a braços com serias difficuldades no ensino dessa materia».

Tens muita razão. A lingua patria deve ser cuidada pelo professor primario com especial carinho.

É a pedra angular, o mais solido alicerce do magestoso templo da sciencia.

Conhecendo bem a lingua materna, lendo e comprehendendo, sabendo gular-se pratica ainda mais do que theoreticamente no complicado dedalo de suas normas, redigindo com facilidade e clareza, está o individuo apto a apprehender sem grande estorço qualquer outro ensinamento.

Tens razão, repito. E, si nós, em plena Capital, temos a cada passo de corrigir vicios de linguagem, irritantes solecismos,

ORGANIZAÇÃO DA CLASSE

Uma classe não pôde funcionar regularmente sem estar bem organizada. Para effectivar essa organização é necessário dar aos alumnos aulas especiaes, em que se lhes apresentem o meio escolar e os usos ali admitidos. Adopite-se para esse fim um programma, e nos primeiros dias lectivos dê-se execução ao mesmo. Desta forma os alumnos ficarão iniciados na sociedade escolar, em cujo seio irão entregar-se aos primeiros trabalhos methodicos de sua vida.

Começar desde a installação das aulas com as lições do programma de ensino, sem a prévia e necessaria organização da classe, é um trabalho infructifero, que retarda, em vez de adiantar, a adopção dos alumnos á escola. A curiosidade infantil precisa de ser satisfeita, e ella se volta primeiramente, na escola, para tudo que cerca o alumno: a sala de aula, o mobiliario, a decoração das paredes, etc.

Por outro lado, importa que o professor tome desde logo conhecimento com os alumnos. São elles, e não as materias de ensino, as peças principaes do mechanismo escolar. As materias de ensino representam um dos meios de tratar dos alumnos, e por isso mesmo ellas devem combinar-se com outros meios para melhor servil-os. O professor cuidará, pois, de conhecer logo os seus alumnos, tratando-os com affabilidade, como companheiros que são dos trabalhos escolares. Assim, elle conciliará as sympathias da classe, o que é de grande conveniencia para o bom exito do ensino.

Para o grupo escolar, que dirijo, elaborarei um programma de organização da classe. Esta não mais ficará ignorando as normas de seu procedimento e tornar-se-á conhecedora do meio escolar. Com a transposição do referido programma, que faço em seguida, ver-se-á perfectamente a sua incontestavel utilidade:

1. Collocação dos alumnos na sala de aula.
2. Modo de responder á chamada.
3. Signal para fazer algum pedido ou reclamação.
4. Como entrar na sala de aula e sahir.
5. Maneira de tratar o director e o professores.
6. Formaturas na area de recreio.
7. Trajecto da escola e procedimento na rua.
8. Horario escolar e obrigatoriedade da frequencia.
9. Pontualidade do alumno.
10. Descripção da sala de aula.
11. Area de recreio e comportamento do alumno durante o mesmo.
12. Prohibição de cuspir no soalho.
13. Não atirar no chão papel, cascas de fructa e outros objectos, seja na sala ou no recreio.
14. Não escrever nem riscar nas paredes, nos muros, nos moveis, etc.

15. Aprender a zelar os livros e mais objectos escolares.
16. Cuidado para não derramar tinta e para não deixar descobertos os tinteiros.
17. Assim do corpo e do vestuario, revista de aseo.
18. Necessidade de usar lenço.
19. Uso individual de caneca ou copo para beber agua.
20. Não se deve comer na sala de aula.
21. Prohibição de fumar.
22. E' prohibido dar vaias e fazer assuadas.
23. Conservar a attenção, que é o principal durante a aula, não podendo conversar nessa hora.
24. Signal de que sabe dar resposta ás perguntas feitas pelo professor no correr da aula.
25. Como deve a classe receber os visitantes.
26. Recomendar aos alumnos que, não tendo elles de frequentar mais a escola, venham despedir-se do professor e participar o motivo da sahida.
27. Collegismo e protecção que os alumnos maiores devem dar aos menores.
28. Prohibição de os alumnos trazerem creanças á escola.
29. Organização de listas dos alumnos para a



Gabinete dentario do Grupo Escolar «Firmino Costa», de Lavras.

assistencia escolar: listas de merenda, de material didactico, de roupa, etc.
30. A Caixa Escolar, beneficoes que presta.
O programma, que acabo de apresentar, precisa de ser bem comprehendido afim de ter o necessario desenvolvimento. Elle influir na disciplina da classe, preparando esta para melhor receber as lições. Elle representa a montagem da machina, que é essencial a seu bom funcionamento. Elle é o verdadeiro ponto de partida do trabalho escolar.

Firmino Costa

O ensino em S. Paulo

Reortamos da Revista Escolar de S. Paulo as seguintes lições praticas e as trasladamos—*data venia*—para as columnas da nossa Revista, com o fim de fornecermos ao distincto corpo dirigente do Ensino Publico do Estado, um modelo de collaboração que já pedimos em um dos numeros passados.

As lições praticas são, com effeito, de real merito didactico, e, ao envés de tornarem a Revista monotoná, como já se tem verificado com certas contribuições que nos têm sido enviadas, acordam verdadeira utilidade pratica, auxiliam sobremaneira o professor na aula, fazendo assim cada vez mais progredir o ensino.

Está, pois, dado o paradigma. Reiterando, em nome do sr. Secretario, o nosso pedido, esperamos que os professores nos remetam, cingindo-se ao molde dado, collaborações, não só pertinentes a questões de lingua patria, mas tambem a respeito de outras disciplinas que são ministradas na escola, como: geographia, historia, arithmetica, geometria, etc.

Como é este o desejo do sr. Secretario, contamos com o apoio geral de todos aquellos que dirigem o ensino, conscientes de que nosso justo apello seja plenamente satisfeito.

Eis a transcripção das lições praticas:

A causa de toda ou pelo menos de grande parte da difficuldade no ensino da linguagem oral ou escripta, é a incerteza, ou melhor, a falta de comprehensão por parte da criança daquillo que se espera que ella faça.

Quando a criança vem á escola, precisa primeiro aprender a pensar e a organizar o que pensa, para depois escrever correctamente esse resultado.
O methodo que passamos a expôr compõe-se de cinco passos.

1º PASSO: *Apresentação do assumpto á classe.*—Deve-se ter muito cuidado na escolha deste. Convenem que a historia seja curta, interessante, intelligivel ás crianças. Em outras palavras: deve ter alguma coisa em commum com a vida infantil. As historias sobre animaes sempre despertam interesse.

2º PASSO: *Leitura da historieta á classe*

3º PASSO: *Arranjo dos paragrafos.*

4º PASSO: *Reprodução oral.*

5º PASSO: *Representação ou dramatização da historieta.*

Só depois se tratará de fazer a reprodução escripta. Este methodo poderá parecer vagaroso, mas é seguro. Acaba com os inconvenientes dos «depôts», cartões, sdahis, etc., etc., de que as reproduções estão sempre cheias. Ensina os alumnos a pensar com clareza, o que constitúe a base da boa linguagem oral e escripta.

1º PASSO. Vamos suppr que se dê á classe um assumpto, por exemplo, como este.

SULTÃO E O GATINHO

Sultão era um grande cão, intelligente. Elle tinha muitas habilidades. Vou-lhes contar uma dellas. Todos os dias elle tomava um baldezinho e ia a uma chacara proxima buscar leite. Nunca entornava o pouquinho sequer. Muitos meninos não seriam tão cuidadosos como Sultão. Algumas vezes, ao voltar para casa, dava com o portão fechado. Que acham vocês que elle fazia?

Olhava attentamente, dava um grande salto, e lá se ia com o balde e o leite, sem entornal-o!

Um dia a gente da casa sahira e deixou Sultão guardando a habitação. Com elle tambem ficou um gatinho—o Mimi. Pela tardinha, Mimi começou a miar de fome. Sultão quiz reparir com elle o seu osso, mas viu logo que o gatinho não podia roel-o. Que fez? Ergueu-o nos dentes e levou-o á chacara onde costumava ir buscar o leite. A senhora da chacara deu a Mimi um grande pires com leite. Então, o bom Sultão levou o seu companheirinho para casa.

Mais tarde, quando voltaram os donos, a vizinha contou-lhes o que tinha acontecido. Como acharam bonito o procedimento de Sultão! Como lhe fizeram festas!

No dia seguinte compraram-lhe uma linda colleira. Quantas das crianças que ouvem esta historia tratam tão bem os seus animaes, como Sultão tratou o gatinho?

2º PASSO. Professor.—Fechem os olhos. (Lê o primeiro trecho). Que está vobis vendo, Antonio?

Alumno.—Eu vejo um cão muito grande, cujo nome é Sultão.

P.—(Lê o segundo trecho). Que fazia Sultão?

A.—Sultão fazia muitas sortes. Uma dellas era ir buscar leite num baldezinho.

P.—(Lê o trecho seguinte). Que acontecia com o portão, ás vezes?

A.—A's vezes, Sultão achava o portão fechado e pulava por cima, com o leite.

P.—(Continúa a leitura). Quem ficou em casa um dia, sózinho, com o Sultão, e que aconteceu?

A.—Um gatinho ficou fazendo companhia a Sultão. De tarde começou a miar de fome.

P.—(Lendo, em continuação). Que fez Sultão?

A.—Sultão levou-o nos dentes á chacara onde costumava ir buscar leite e a senhora da chacara deu-lhe leite a beber.

P.—(Continuando a leitura). Que aconteceu quando voltaram os donos de Sultão?

A.—A senhora contou-lhes como Sultão foi bom para o gatinho e Sultão ganhou uma bonita colleira.

P.—(Lê o ultimo trecho). Qual de vocês trata bem seus animaes domesticos?

A.—Eu quero muito bem meu gatinho e sempre lhe dou de comer e de beber.

3º PASSO. P.—(Lido ao quadro negro). A respeito de que falamos, em primeiro logar?

A.—Do cão.

P.—(Escreve na lousa: 1—O cão). E depois, de que falamos?

A.—Das suas habilidades.

P.—E especialmente da sua melhor habilidade. (Escreve: 2—A sua melhor habilidade). Em seguida de quem falamos?

A.—Do gatinho.

P.—(Escreve no quadro negro: 3—O gatinho). E por fim, de que tratamos?

A.—Da recompensa de Sultão.

P.—(Escreve: 4—A recompensa de Sultão).
Quatro paragrafos no começo são o sufficiente.

4º PASSO. P.—(Escolhe 4 alumnos, encarregando cada qual dum paragrafo).

A.—(Chega-se para frente e virando-se para seus collegas, ergue a mão esquerda, tendo os dedos bem separados. Toda a classe o acompanha).

P.—Fale-nos, Armando, a respeito do cão. (Aponta para o assumpto do primeiro paragrafo).

PAGINAS HISTORICAS

GONZAGA

Seu papel na inconfidência

Por Lucio José dos Santos

(Conclusão)

A importância do papel de Gonzaga na Inconfidência, importância que lhe fez dar, senão a qualidade de chefe do movimento, pelo menos a prioridade quanto à ideia republicana, procede dos interrogatórios de Claudio, Alvarenga, Padre Carlos e Gongo Luiz Vieira, e da delação de Joaquim Silveiro.

Deante das primeiras pesquisas e, especialmente, em vista da delação de Joaquim Silveiro, na sua primeira carta ao ministro Martinho de Mello e Castro, disse o Visconde de Barbacena que, no quanto lhe era possível saber, "se conheço quanto basta que a principal cabeça desta abominável maldade é Thomaz Antonio Gonzaga, que acabou de ser ouvidor de Villa Rica, e se achava de de-pacho para a relação da Bahia, unido a seus grandes amigos Ignacio José de Alvarenga, que, tendo sido ouvidor do Rio das Mortes, e coronel de auxiliares, e grande devedor a fazenda, e Carlos Corrêa de Toledo, Vigário de Villa de S. José d'el-Rei".

Mais tarde, porém, melhor esclarecido, dizia o Visconde, em carta ao mesmo ministro, que a principio pensara daquelle modo, mas, do que se havia feito e apurado, resultava que o Tiradentes era "o principal motor da projectada sublevação", o que mostrava "maior empenho e efficacia na execução, della; e o que aminava o povo e pretendia corromper a tropa já com sacrilegas doutrinas, já com falsas e maliciosas doutrinas, já com enganosas esperanças adequadas aos intentos de cada um e do publico, no que se portava com um ardil muito proporcionado ao objecto das suas diligencias, e superior aos talentos que se lhe conheciam."

Vejam os elementos da questão. Temos, em primeiro logar, o interrogatorio de Claudio. Trata-se de uma peça tristíssima, apenas explicavel admitindo-se estar o seu auctor possuido de profundo e invencivel pavor, que desorganizara completamente o seu espirito já combatido pela idade e pela molestia.

Diz Claudio ter ouvido, varias vezes, em casa de Gonzaga, fallarem na materia, na republica, e formulando o dito doutor, hypotheticamente, uma lista do seu estabelecimento, que facilmente abraçavam os outros dois, Alvarenga e Pe. Carlos; mas elle respondente foi sempre de contrario parecer à sua criação por causa de que fallando-lhes forças não poderia subsistir.

Disse ainda que, no quintal delle respondente, Gonzaga e outros denunciados fallavam "com estensão nesta materia com o Tenente coronel Francisco de Paula, e seu cunhado José Alvares Maciel que foi o primeiro que succitou esta especie." (*)

Claudio denunciou todos os seus amigos e para elles passou toda a culpa.

O seu depoimento é, como se vê, contradictorio e denuncia um estado d'anima incompativel com a exposição serena da verdade. (**)

Deixando, pois, esse interrogatorio, incongruente e suspenso, vejamos outros elementos.

O Pe. Carlos Correa de Toledo e Mello foi o primeiro a espalhar que o chefe do movimento era o Desembargador Gonzaga. Nos seus interrogatorios, porém, confessou lealmente, com a máxima firmeza, que ignorava fazer o mesmo Gonzaga parte da conspiração; que procedera por aquella for-

ma para atrahir importancia sobre o movimento que se projectava, dando como chefe do mesmo um homem de grande prestigio. Acrescentou mesmo que isso muito lhe pesava na consciencia.

Alem disso, o Pe. Carlos affirmava positivamente que as reuniões na casa de Claudio e na de Gonzaga foram posteriores ás realizadas em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Ora, foi nestas que se tratou especialmente do levante, sob o influxo especial de Tiradentes; e o Pe. Carlos assistiu a umas e outras.

É certo que o traidor Joaquim Silveiro dá o Desembargador Gonzaga como cabeça do movimento sedicioso. Essa affirmação, porém, perde completamente o seu valor, quando se considera que foi pelos amigos do Pe. Carlos, que o delator veiu a ter conhecimento da conspiração, e entre aquelles era corrente a versão de ser Gonzaga o chefe.

O Gongo Luiz Vieira, acareado com o Pe. Carlos, Alvarenga e Gonzaga, disse que ouvira Gonzaga fallar em republica, apenas como assumpto de palestra, e disse ignorar si Gonzaga fazia parte do movimento, inclinndo-se pela negação. Demais, o referido Gongo não nos dá a epocha desse facto.

Outra questão apresenta-se: Esteve Gonzaga presente ás reuniões em casa do Tenente Coronel Francisco de Paula? Alvarenga affirmou esse facto, sendo o unico a fazel-o. Na citada acareação, foi elle porém menos affirmativo e disse mesmo que poderia ter-se enganado.

O Padre José da Silva de Oliveira Rollim nega a presença de Gonzaga. Nenhum outro o affirmou.

O Padre Carlos diz que, entrando na casa do Tenente Coronel Francisco de Paula, encontrou Gonzaga na escada, ralhando.

Tiradentes affirmou que, estando numa reunião em casa do dito Tenente Coronel, e entrando Gonzaga, todos se calaram, não mais fallando no assumpto; do que se percuadia o o Alleres, não fazer o Desembargador parte da conjuração. Finalmente, como vimos, num dos seus quatro interrogatorios, confotou Gonzaga ter ido por duas vezes, naquelle epocha, à casa de Paula Freire. Na primeira vez, alli encontrou o Capitão Maximiliano de Oliveira Leite e o Dr. Francisco Facy; apenas tomou chá e retirou-se. Evidentemente, não se podia cogitar alli de conspiração, dadas as pessoas que lá se encontravam.

Na segunda vez, encontrou o Tiradentes, Alvarenga e, talvez, o Pe. Carlos, sem ter certeza quanto a este. Conversaram sobre litteratura, recitando Alvarenga umas oitavas que compuzera para o baptizado de um filho do Governador D. Rodrigo de Menezes.

Essas affirmações, combinadas, esclarecem-se perfeitamente. Alvarenga tinha razão de affirmar ter visto Gonzaga na reunião; enganava-se apenas quanto à participação do mesmo na conversação sediciosa.

Tiradentes diz a verdade, contando que todos se calaram e mudaram de assumpto, com a chegada de Gonzaga.

O Padre Rollim não errava, sustentando que Gonzaga não estivera presente ás reuniões em que se tratava do levante.

O Padre Carlos era veridico, dizendo ter-se encontrado com o Desembargador, na escada.

Gonzaga, pois, não fallou a verdade no que disse; e o facto de duvidar si estava presente ou não o Padre Carlos, pessoa que elle encontrara rapidamente na escada, ao sahir, dá grande confirmação ao conjunto da sua narrativa.

Por isso, ao notar que os interrogatorios estenderam-se por quasi tres annos. Muitas vezes, entre dous interrogatorios, passaram-se longos mezes. Tiradentes, por exemplo, foi interrogado em maio de 1789 (22, 27 e 30), passaram-se 15 de mezes, e foi interrogado de novo, a 18 de janeiro, 4 de fevereiro e 14 de abril de 1790; deci rram depois onze mezes até novo interrogatorio, a 20 de junho de 1791.

Claudio foi interrogado uma vez: Tiradentes 11; o Pe. Rollim 15. Si attendermos aos soffrimentos de toda especie de que foram victimas os réus, comprehenderemos, perfeitamente, sem motivo algum de desabono para elles, que não pudessem ser feitos, sem uma discrepancia, todas vezes que fossem interrogados separadamente ou acareados uns com os outros.

Não ficou, pois, provada a complicitação de Gonzaga na conspiração, pelo menos como nol-a querem inculcar.

Não ficou provado ter sido Gonzaga incumbido de escrever leis.

Não é exacto que o Governo o tenha prendido primeiro porquanto, no mesmo dia e a mesma hora, foi preso o Coronel Domingos de Abreu Vieira, em Villa Rica, já estando Tiradentes preso no Rio.

Não é exacto que tenha Gonzaga procurado o intendente, Dr. Francisco Gregorio Fries Bandeira, e depois ao proprio General Governador, para insinuar cá necessidade urgente da derrama. O contrario é que é a verdade, como vamos mostrar.

Alferrim Gonzaga ter-se esforçado junto do intendente e do Visconde de Barbacena para que se suspendesse o lançamento da derrama; e lto seguro se mostrava, do que dizia, que appellava para a attenção do Intendente e do Governador, a qual, si lhe viesse contraria, agravar-se-ia a situação.

Da carta de 11 de julho de 1789 e officio de 10 de fevereiro de 1790, do Visconde de Barbacena ao Ministro Martinho de Mello e Castro, e da carta desse, a 29 de setembro de 1790, se deprehe que effectivamente assim procedeu Gonzaga. Apenas interpretava o Visconde essa tentativa como simples dissimulação.

Após a suspensão da derrama, procurou ainda Gonzaga o Visconde, tentando, diz este na sua carta, com todo o atrevimento, descobrir o pensamento do Governador e affirmando mesmo que esse acto impedia a explosão de uma revolta na capitania.

O Visconde não sabe si os conjurados encarregado ao audaz desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, ou elle mesmo se encarregou. Mais informado de que o Visconde, diz J. Norberto que Gonzaga era um emissario dos rebeldes.

A tentativa de Gonzaga em favor da suspensão da derrama é incomprehensivel si, de facto, fazia elle parte da conjuração; porquanto, tudo dependia desse acto, esperando os inconfidentes poder sublevar facilmente o povo quando tal se desse.

O pavor pela derrama era immenso; o seu lançamento seria uma provocação à revolta e a sua suspensão, a ruina conjurados.

A acreditar-se na versão exposta pelo Visconde de Barbacena, seria preciso admitir que Gonzaga foi além da simples tentativa de apurar a causa da suspensão e chegou mesmo a denunciar a conspiração.

Mas, entre a affirmação do Visconde de Barbacena, fazendo a propria apologia perante o Governo de Portugal, ganhando a sua dissimulação e exaltando os seus serviços, e a de Gonzaga pedindo, para apoiar-se, a propria attenção do Visconde e do Intendente, a qual, como elle mesmo disse, si contrario, ser-lhe-ia de maximo damno, preferimos aceitar a do segundo. Porque não appareceu a constatação?

Não vejo porque se deva acreditar no algoz, direi melhor no testemunho unico do algoz, desprezando o que disse o réu, apoiado nessa parte por todas as outras circumstancias e provas geraes do processo. Demais, conforme o affirmou Gon-

zaga, a sua conversa com o Intendente sobre a derrama foi feita em presença de Alvarenga. Porque não trataram os Juizes de apurar esse caso?

Quanto à affirmativa de Gonzaga, de ser o mesmo portugez, embora desagradavel à primeira vista, comporta uma explicação. Gonzaga diz, é certo, que nasceu em Portugal e que o seu paé, embora nascido no Brasil, casára-se em Portugal e de lá nol voltára mais. Não o faz, porém, para demonstrar o seu desamor a esta terra ou para renegar a sua patria; mas, para servir-se dessa circumstancia em seu favor, porquanto, sabendo-o portugez, não iriam os conjurados convidal-o para um levante.

Nada ha, pois, na attitude de Gonzaga, que mereça as graves censuras que sobre elle se tem lançado e menos ainda que justifique a expressão—*reflectidamente infame*, que se dá ao seu procedimento.

Si me pedem a si uma conclusão, direi que estou de accordo com Tiradentes, isto é com aquelle que foi o mais veridico nos seus interrogatorios e o mais digno em toda aquella pavorosa tragedia: Gonzaga não fazia parte da conjuração, embora della tivesse tido conhecimento.—

Tiradentes declara que l e parecia não fazer Gonzaga parte da conjuração, e que não tem razão nenhuma de o favorecer; porque sabe que o dito Desembargador era seu inimigo. ... não obstante o que elle respondente conta que todos o aclamavam por bom Ministro, e elle mesmo respondente assim o diz, e assim o disse varias vezes até ao seo mesmo Successor. (*)

Affirma ainda Tiradentes ignorar, si lórs Gonzaga incumbido de fazer as leis. É verdade que Joaquim Silveiro lhe disse que Gonzaga era dos *confederados*, do que se admirou o respondente. E conclue que não iria encobrir Gonzaga por amizade, porque então o faria a seu Tenente Coronel Francisco de Paula, a quem tributava respeito. (**)

A meu ver, Claudio, Gonzaga e o Gongo Luiz Vieira tiveram conhecimento do plano de levante, pelas confidencias de Alvarenga e do Padre Carlos, pelas confabulações com o dr. Jose Alvares Maciel e o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, e pelo convite de Tiradentes; fizeram desse assumpto o thema de algumas de suas palestras, discutindo o exemplo dos Estados Unidos, a forma do futuro governo, o symbolo e dístico da bandeira; mas, não foram além, e só puderam prestar aos verdadeiros conjurados um serviço, embora á revelia da sua vontade: o de serem os seus nomes lançados como meio de atrahir e convencer seculares.

Collocar nesse ceneçulo litterario as origens da Inconfidência, fazer dos seus membros, os primeiros e verdadeiros conspiradores, seguidos e comprometidos pelos outros: eis o que me parece absolutamente injustificado, não sómente em face de todos os elementos da questão, como também attendendo ao caracter desses homens, notaveis por muitos titulos, mas absolutamente incapazes do esforço que se lhes deveria exigir.

Claudio, velho, doente, acostumado á tranquillidade e ao conforto; o Gongo Luiz Vieira, orador, preocupado com o pulpito e com os trabalhos do seu ministerio; Gonzaga, poeta, moço, repleto de amor, bordando vestido para o seu casamento, nomeado para um excellento logar na Bahia: não, esses homens não podiam ser conspiradores.

(*) Intra. a 18 de janeiro de 1790

(**) Intra. a 4 de fevereiro de 1790



VARIEDADES

AVE MARIA

(A. Fusinato)

Transmonta o sol, e o placido
E leve ar vespertino
Oscilla ao melancólico
Clangor lento do sino,
Que, em títbil harmonia,
Lá da torre annunciou a Ave Maria.

Fechada no silencio
Da alcova pequenina,
A virgem solitaria
Ao pé do altar se inclina,
E na noite, que deseje,
A brisa esparze o incenso da sua prece.

A luz mortiga e languida
Da lampada votiva
Circumda a fronte candida
Da virgem pensativa,
E o reflexo indico
Nimba-a de um halo ideal de paraíso.

Oração:

«Ave Maria! Si o férvido
Clamor que ora ergo ansiosa
Pode chegar-te, escuta-me,
Virgem santa e formosa,
A supplica sincera
De quem de ti todo o seu bem espera.

«Ave Maria! Solicita,
A' que me deu a vida,
Presta o celeste auxilio,
Virgem compadecida!
E a ella, a mim tão cara,
Uma serie feliz de annos depara.

«Ave Maria! Benifica,
Ao orphamzinho acode;
Traze conforto ao misero
Que já esperar nem pode,
E a todo afflicto pranto
Enxuga, ó Mãe, Tu que soffreste tanto

«Ave Maria! Propicia,
No leito em que repouso,
Perennemente assista-me
O teu olhar piedoso,
E, si eu dormir, no somno
Mostra-me Deus e a gloria do seu throno!

«Ave Maria! Conserva-me
Sempre innocente e pura
Por entre as mil insidias
Da terra infesta e escura,
E, si pequei, Senhora,
Tu por mim o perdão de Deus implora.

«Ave Maria! Nos ultimos
Trances da hora tremenda
O moribundo espirito
A Deus m'o recommenda:
Quem morre ao teu bafejo
Deus no Emyreio o desperta com o seu beijo.

E, assim dizendo, o limpido
Olhar ergue a donzella,
Da Virgem serenissima
Sorrindo á imagem bella;
E, em voz submissa e doce,
Com devogo filial persignou-se.

Arduo Bolivar

ENSINO DE LINGUAS MORTAS

Qual a extensão do estudo das
linguas mortas nos estabelecimentos
de ensino secundário ?

Sendo o Grego e o Latim as duas linguas mortas, cujo estudo se ha incluido no programma dos estabelecimentos de ensino secundario, — é a ellas que concerne o enunciado da these.

Assim sendo, seccionaremos em duas partes a presente memoria, relativas respectivamente á extensão do estudo de uma e outra naquelles estabelecimentos.

1) Qual a extensão do estudo do Grego nos estabelecimentos de ensino secundario ?

O estudo do Grego poderá ser reduzido das proporções que d'antes avultavam em sua systematização, — mas não deve ser eliminado do curso de humanidades, porquanto:

a) é enorme o contingente de vocabullos, com que concorre ao lexico portuguez, computados em numero excedente de dez mil, — o que, numa lingua de cincoenta milhares de palavras, qual deve ser a nossa, representa 1/5 de sua totalidade (vide o *Vocabulario* de RAMIZ GALVAO);

b) é a lingua classica da technica scientifica e artistica. Assim sendo, o tecnico que souber traduzir á letra o nome adoptado na gíria professional, terá desde logo o pleno conhecimento da idea conceptual da palavra.

Tal succede, por exemplo, na Medicina, em que as definições da traducção literal do termo dao.

V. g. : peristillie (peri + osteo = ite), inflammação em torno do osso; nosologia (noso + logia), tratado das doenças; antidoto (anti + doto), dado contra.

c) é, depois do Latim, a lingua que mais ha abastecido (e continua a abastecer) o Portuguez;

d) é não pequena a copia de raizes, com que no Portuguez concorre a "familias de palavras";

e) é consideravel o numero de prefixos e suffixos, com que acode á *composição* e *derivação* de nosso vocabulario;

f) no que concerne á "orthographia historica", é uma fonte perenne de elucidação ao modo de graphar a palavra consoante a *origem* e as tradições;

g) é impossivel insular o estudo da "grammatica historica portugueza", ou do proprio estudo da simples etymologia portugueza.

Calcado o estudo do Grego nos «subsídios que presta ao idioma patrio», tornar-se-hia um complemento do estudo da lingua portugueza. Ora, para que o alumno possa entrar no conhecimento d'esses subsídios, é-lhe foroso fazer o noviciado da lingua grega, um como «reconhecimento do terreno», que vai apenas eslorar. Esse noviciado abrangeria:

a) o conhecimento do alphabeto grego. (Em caso contrario ficaria o alumno inhibido de ler os vocabullos gregos nos livros, em que vêm impressos nos caracteres de origem, como hoje succede á muita gente, que chega a reclamar dos editores a impressão em caracteres romanos);

b) o valor phonetico das letras. (Em caso contrario dar-se-hia a deturpação da pronuncia vocabular);

c, d, e) a quantidade das vogaes; a pronuncia dos diphthongos; distincção entre consoantes mudas e consoantes aspiradas. (Pela mesma razão invocada na alinea b);

f) o accento tonico; casos de sua deslocação, — maxime na passagem de um outro caso da declinação (imparisyllabismo);

g) distincção entre o infinito e a 1ª pessoa do presente do indicativo dos verbos, — visto como os dictionarios registram o verbo, já numa, já noutra forma;

h) distincção entre o nominativo e o genitivo, — pela mesma razão;

i) conhecimento do artigo para distincção dos generos do substantivo;

j) palavras procliticas e encliticas.

É' um noviciado que se faria no curto espaço de trinta lições, si tanto, — inclusive os exercicios praticos.

Isto feito, entraria o alumno no "conhecimento do Grego applicado ao Portuguez", a saber:

a) raizes gregas e familias de palavras decorrentes ;
b) prefixos gregos;
c) suffixos gregos;
d) vocabulario grego de uso na technica scientifica;
e) idem de uso na technica artistica;
f) idem de uso na technica professional;

g) influencia do grego na orthographia etymologica;
h) palavras gregas com interferencia latina.

Com estas delimitações, circumscrever-se-hia o estudo da lingua grega ás suas relações e affinidades com a nossa, á parte em que é «subsídio da nossa».

Já não seria (como se fazia antigamente e fóra para desejar) o estudo «classico» da lingua, mas uma digressão pelos pontos, em que se entronca com a nossa.

Entretanto o ensino classico do grego, tal como ha pouco se fazia, offerreia vantagens, que não são para desprezar.

Sabido e universalmente acceto que o Grego é a mais methodica das linguas, a mais flexivel pela extrema facilidade com que os vocabullos se aglutinam, ou se juxtapoem, a mais logica em suas fórmas grammaticas, a mais rica das linguas antigas, de uma riqueza inexgotavel, a que, entre as linguas indo-europaeas, permaneceu mais fiel a lingua matriz, a que e ervia uma litteratura que é reputada a mais original e a mais fecunda da antiguidade (CHASSANG, *Atturs Grecs*, introd.); sabido que tem sobre o Latim a grande vantagem da construcção menos synthetica e do estylo menos diffuso; sabido que o Grego (isto é, o dialecto attico) se caracterizava pela transparencia da phrase e pela leveza do estylo (d'onde o nome de *atticismo* dado a essa fórma de expressão do pensamento), — é irrecusavel que o ensino classico d'essa lingua, simplificado e actualizado consoante os moldes introduzidos por Chassang e Port Royal na Franca, e por Curtius na Allemanha (moldes, que o desbastaram dos antigos processos mechanicos e substituiram estes ultimos pelos methodos *comparativo* e *historico*), com titula valioso subsidio para o conhecimento de outras linguas vivas, bem como para a disciplina do estylo.

CHASSANG simplificou a tal ponto o ensino classico d'essa lingua, que reduziu á quatro as noções sobre que devia formar-se, a saber:

a) o *radical* que fornece o sentido da palavra;

b) o *suffixo* que determina ou modifica esse sentido;

c) os *caracteristicos dos tempos* e dos *modos*;

d) as *desinencias* que indicam o *caso* para o substantivo, e a *passiva* para os verbos. *Gram. Graecae*, Pref., pag. 6.

Com a feição utilitaria que hoje está sendo imprimida ao ensino secundario, com a preoccupação avassaladora de apprehender das disciplinas tão somente o que possa ter applicação pratica fóra dos muros da escola, — é claro que o ensino classico da lingua grega, ainda que circumscripto á simplificação lançada por Chassang e Port Royal, ainda que feito exclusivamente á luz dos methodos historico e comparativo, seria talvez longo e superfluo. As delimitações, porém, que tentamos deixar-lhe fixadas, as aias que projectamos trazar-lhe, restringindo-o ás suas contribuições para o idioma patrio, viriam attenuar e reduzir sensivelmente a extensão de seu estudo nos estabelecimentos de ensino secundario.

2) Qual a extensão do estudo do Latim nos estabelecimentos de ensino secundario ?

Quem lança um olhar retrospectivo á trajetoria do Latim como lingua subsidiaria, verifica (e com que pesar) a gradual decadencia e desprestigio do idioma avengeo de nossa raça.

É' a seguinte a escala decedente do cyclo, percorrido pela lingua Mãe, nos diferentes estadios de sua trajetoria

peça da esfera da intelectualidade e pelos departamentos do ensino:

- a) ascensão do Latim sobre a língua pátria; o Latim consagrado como «língua clássica da ciência», com a ênfase oficial didáctica;
- b) nivelamento do Latim à língua pátria; sua iniciação nos cursos elementares; sua revisão e ampliação nos cursos secundários;
- c) inclusão do Latim, como matéria essencial, nas escolas normais primárias;
- d) eliminação do Latim do curso elementar; sua iniciação nos cursos secundários;
- e) ensino facultativo do latim nas escolas normais primárias ou sua «tácita eliminação»;
- f) substituição do Latim, nas escolas normais primárias (França) pelo inglês ou alemão;
- g) ensino facultativo do Latim nos cursos secundários ou sua «tácita eliminação».

A principal opinião do Latim sobrepunha-se nas escolas na da própria língua nacional. Era demasiado orthodoxo, — mas era o curso vivido pela «Prehistória da Língua Pátria» levado quasi ao teticismo!

O Latim corria como a língua clássica da ciência, como a língua oficial didáctica. O autor que se prezasse, usava sempre a sua obra especulativa, não na língua própria e natal, mas na língua hierárquica de seus avoengos! Verificado, porém, que a explanação em Latim cruscrescia o conhecimento e vedava desvios, — começou desde logo o declínio dessa usança, até então cumprida ritualmente como uma fórmula sagrada.

O Latim constituía matéria obrigatória nos cursos elementares. Alunos da primeira infância abriam nos livros a «escritura» com a mesma unção e respeito que o detreavam o A B C da língua maternal.

O ensino do Latim alternava-se com o das primeiras letras.

Sobrevindo mais tarde a fundação de escolas normais primárias, isto é, de institutos destinados a formar professores para o ensino primário, incluiu-se o Latim como «matéria essencial» no programma do respectivo curso. Incluiu-se, porque a prática já havia demonstrado que o esforço em verter do idioma do Latim para a língua nacional, em dar ao pensamento concretizado numa língua extincta a forma mais adorno e consentânea ao genio coetâneo da língua natal, constituía para o futuro professor (destinado a ser em sua profissão um exegeta) uma operação mental, uma gymnastica intelectual de largas e benéficas consequências na prática pedagógica.

Com o evoluir dos tempos, porém, é o ensino do Latim suprimido do curso primário; toava-se matéria facultativa nas escolas normais primárias e vice, como ultimo refugio, acolher-se à sombra dos estabelecimentos de ensino secundário!

Na Rússia e no Cantão de Zurich (Suíça) o Latim incluiu-se, como matéria facultativa, no programma das escolas normais. Na Saxonia é obrigatório o seu estudo nas escolas normais destinadas a formar professores; o mesmo se dá em algumas escolas normais dos Estados Unidos. Trata-se de países não latinos, para quem o Latim não representa o idioma primitivo, mas que reconhecem a grande utilidade e conveniência de seu ensino como «instrumento da exegese» nos institutos destinados a formar futuros intérpretes e hermeneutas.

Bussert e Moy publicaram, por volta do anno de 1883, duas memorias na *Revue Pédagogique de l'enseignement*, em que propugnavam a adopção do Latim como «matéria essencial» no curso das escolas normais primárias. Tres annos depois o professor Person pela *Revue Pédagogique*, abundando nas mesmas considerações, propunha pela inclusão do Latim no programma oficial das escolas normais primárias.

Em sentido contrario manifestou-se Bigot, achando que bastaria fazer «o estudo historico da lingua natal». (Vid. BUSSERT, N. D. de *Pédagogie*, pag. 984.)

Na reforma do ensino em França, em 1891, o ensino do latim e do grego foi nas escolas normais primarias substituido pelo de inglês e allemão.

Pelo decreto de 31 de maio de 1902 os alumnos, depois de 4 annos de estudos primarios e elementares, entram para o 1º cyclo dos estudos secundarios, sendo-lhes facultado: a) o

ensino «em grego nem latim; b) o ensino com exclusão do grego e inclusão do latim; c) o ensino com inclusão do grego e do latim, — d'onde 3 categorias de alumnos para o 1º cyclo. (Vid. BUSSERT, obra citada.)

Na França (para citar apenas a nação que costumamos tomar como padrão em matéria de ensino) as medidas preventivas de defesa nacional substituiram, nas escolas normais primárias, o ensino do grego pelo do allemão, bem como as necessidades prementes da expansão commercial contemporanea substituíram, nas mesmas, o ensino do latim pelo do nea substituição. (Decreto de 1891.) Victoriou o principio de Bigot de inglês e o ensino do Latim basta fazer-se na secção historica da propria lingua natal tornou-se, nos estabelecimentos de ensino secundario, facultativo o ensino da lingua-mãe, — o que equivaleu a uma tacita eliminação.

No Brasil ha um Estado que, reconhecendo o impulso benéfico do Latim na pratica pedagogica, conjugou seu ensino ao da lingua pátria na Escola Normal de sua capital — é o Estado de S. Paulo, aquelle que, entre todos os da Federação, tem tido, mais nitida e segura, a percepção do alcance pratico do ensino.

No Brasil surgiu a distincção entre cursos superiores, que reclamam o preparatorio de Latim como matéria essencial, e cursos que o excluem *in-limite*.

Com a faculdade outorgada recentemente aos institutos de ensino superior de escolher, a seu talento, os preparatorios que julgarem necessários no respectivo ingresso, — reína a respeito a maior confusão e instabilidade. Das escolas de Medicina umas o exigem, outras não, — esquecidas estas ultimas de que a nomenclatura da Botânica e parte da da Pharmacopéia procedem do Latim. Das faculdades de Direito, si a maior parte o reclama (pelo subsidio que presta á cadeira de Direito Romano), outras o dispensam como um obice ao facil acesso a seu seio.

Em face do exposto, como responder ao enunciado da These?

Parece-nos que a extensão do estudo do Latim nos estabelecimentos de ensino secundario deverá subordinar-se a) ás prescripções dos cursos superiores, que o exijam como preparatorio;

b) ás relações e afinidades, que mantem como o idioma pátrio.

A) Para os alumnos que se destinem a academias e faculdades, o ensino terá a extensão delimitada por aquelles institutos superiores, sendo adoptados de preferéncia os autores que ás respectivas congregações hajam designado para o exame vestibular;

B) Para os alumnos fóra da hypothese da alínea A, o ensino do Latim terá a extensão, que lhe tragam as suas relações e afinidades com o Portuguez. As noções, sobre que se fundar esse estudo, serão, *mutatis mutandis*, as já aduzidas com relação á extensão do ensino do grego, a que nos reportamos.

Carlos Góes



A intelligencia revelada através da preferéncia

para o estudo das sciéncias naturaes

Uma das preoccupações constantes dos educadores americanos, de algum tempo a esta parte, é descobrir em cada jovem estudante elementos que permitam, com certa segurança, prevér quaes os estudos em que mais se afirmará e será efficiente a sua intelligencia, e equivale a dizer — a carreira, a profissão que mais lhe convem seguir a abraçar pelas probabilidades de exito que a sua capacidade deixa antever. Pelas obras editadas e pelas revistas que periodicamente surgem, vemos que se multiplicam as observações e os estudos

tendentes a orientar e resolver esse interessante e importante problema sob bases experimentaes, estudos esses que, infelizmente, não conseguiram ainda entre nós fixar a attenção dos que se dedicam com alma ao magisterio.

Em documentado artigo, inserido em «The Journal of Educational Psychology», de Baltimore (vol. XVI n. 2, de fevereiro de 1925), o professor Hugues Powers, de Arkansas, desenvolve com firmeza a theses suggestiva de representarem maior Q I (quociente intellectual) os alumnos que têm decidida preferéncia pelos estudos de physica. Mostra o professor Powers que, ao termo de largas observações, chegou a convicção de que os alumnos que preferem os estudos de sciéncias naturaes, apresentam coefficiente intellectual mais apreciavel do que outros estudantes pouco dados aquelles estudos, o que permite ao professor desenvolver «themas abstractos e theoreticos com proveito accentuado.

O autor organizou dous grupos de alumnos: um, composto de estudantes cujo quociente intellectual era superior a 116; outro, constituído de moços que apresentavam quociente inferior a 99. A ambos os grupos propoz vinte questões de physica, de difficuldades crescentes abrangendo todas as partes em que se divide essa sciencia.

O resultado constatado foi este: a porcentagem de estudantes que deram resposta certa a cada questão apresentada era menor no grupo de Q I baixo.

Diante desse resultado conclue o professor Powers pela necessidade de se reformar o ensino de physica, de modo que ao professor seja dado estabelecer, preliminarmente, o grau de intelligéncia de cada alumno e de accordo com o Q. I., dozar as noções de physica que devam ser ministradas a cada um.

Em egualdade de intelligéncia avaliada pelo Q. I., não constam o professor Powers differéncia de aproveitamento quanto a rapazes e raparigas. A unica differéncia que verificou nos seus processos experimentaes foi esta: um certo pendor, da parte das mulheres, para o estudo da optica e da acustica, e uma certa preferéncia dos homens para o estudo das questões praticas de mechanic, calor e electricidade.



ESTUDO EXPERIMENTAL DAS CAUSAS

DETERMINANTES DA MÁ PRONUNCIA

Através da calligraphia têm sido feitas investigações sérias para determinar qualidades de caracter e facultades intellectuaes. Essas investigações, si não deram resultados capazes de poderem estabelecer regras infalliveis, deixaram, entretanto, patente a intima relação que os característicos moraes e intellectuaes de cada individuo têm com as differentes modalidades da escripta. Binet tentou mesmo medir a intelligéncia dos escolares por meio da graphologia, confirmando as pesquizas de Jamín, fundador da sciencia graphologica.

Ultimamente tem-se procurado estabelecer a influencia reciproca que pode exercer a pronuncia sobre as facultades psychicas. Uma dessas tentativas foi realizada por Frieda A. Kiefer e Paul V. Sangren, em Baltimore. Della nos dão conhecimento em um artigo publicado em «The Journal of Educational Psychology», (vol. XVI, n. 1, de 1925), sob o titulo

«Estudo experimental das causas determinantes da má pronuncia e meios de corrigi-la». E' este artigo que vamos resumir.

Os autores fizeram experimentos com o fim de apurar as causas que concorrem com mais frequéncia para a má pronuncia entre estudantes de uniérsidades, de medio e bom aproveitamento.

As suas conclusões foram, em synthese, as seguintes:

- I) Alguns dos máos pronunciantes apresentam defeito de visão, corrigido ou não com lentes. Sua audição é normal.
- II) Alguns se caracterizam pela desattenção com que escutam e com que leem as palavras.
- III) Ha intima relação entre a boa pronuncia e a memoria fiel para denominar os objectos de uso frequente.
- IV) Geralmente, a má pronuncia é consequéncia da difficuldade de articular a palavra.
- V) Em muitos casos o defeito é oriundo dos máos hábitos de pronuncia, contrahidos e não corrigidos nos primeiros annos de vida escolar.
- VI) As condições desfavoraveis physio-psychicas em que se realiza o trabalho, aggravam a anomalia referida.
- VII) O temperamento do individuo influe poderosamente na pronuncia: os perseverantes, decididos e resolutos têm, em geral, boa pronuncia.
- VIII) Ha certa relação entre a boa e má pronuncia e a intelligéncia dos estudantes.

XI) Os alumnos de má pronuncia leem mais rapidamente do que os que a têm má.

Em outra serie de experiencias, os autores procuraram determinar os meios de corrigir os defectos de pronuncia. Os mais efficaçes são os seguintes:

I) Para fixar a attenção do alumno sobre o seu defeito, — marcar a porção difficil da palavra, sublinhando-a ou escrevendo com maísculas ou com tinta de cor differente.

II) Escrever a palavra, assim marcada, no quadro negro; mandar o estudante olhar-a attentamente, pronunciar-a, soletar-a e escrevê-la depois de apagado o modelo. Fazer uma lista das palavras má pronunciadas e, a proposito de cada uma, repetir o mesmo processo. São aconselhadas recapitulações depois de certo intervalo.

III) Declamar as syllabas difficiles, para os alumnos cujo defeito seja principalmente de dicção.

IV) Dividir a palavra em syllabas para o fim de auxiliá-la a enunciação.

V) Usar artificios mnemonicos.

VI) Procurar formar, no alumno, a consciéncia da boa pronuncia.

VII) Estimular o manuseio do dictionario.



Anno lectivo de doze mezes

Cada dia se accentúa nos Estados Unidos, o entusiasmo pelo sistema escolar que supprime inteiramente o periodo de ferias.

Naquelle paiz, divide-se geralmente o anno lectivo em tres periodos que se denominam «termos», tendo cada um destes 12 semanas. O alumno que comparece á escola durante tres periodos e consegue approvação nos exames que se realizam no fim de cada um dos mesmos, termina o anno lectivo e tem direito a matricular-se no anno immediato do curso.

Suprimindo-se o período de férias, fica o anno lectivo, conforme este novo systema, com quatro termos. O alumno que frequenta a escola durante tres quaerqz destes termos completa o anno escolar.

Como se vê, este systema facilita immenso a frequencia. Supponha-se uma escola em uma secção agricola.

Os alumnos que tiverem de auxiliar os trabalhos da lavoura, podem deixar, de frequenter a escola durante tres mezes, na época do anno que melhor lhes convier. Si o alumno reside muito distante, pode deixar de frequenter a escola durante a estação chuvosa. Pode ausentar-se por motivo de moléstia ou para attendêr a conveniência da familia ou de proprios, sem que perca o anno, como geralmente se diz.

O alumno retardado de intelligencia é também favorecido por este systema. Tem doze semanas a mais para repetições, sem que seja necessario repetir tudo um anno do curso.

Os cursos são organizados de maneira a favorecer também os alumnos de intelligencia superior, que quizerem fazer o curso regular em menos tempo.

Estes alumnos podem frequenter a escola durante os quatro termos e, assim, em tres annos, fazem um curso de quatro.

Nas escolas de ensino superior e secundario, este systema está firmemente estabelecido. Está ainda em período de experimentação nas de ensino primario e esperam-se colher delle os mais promissores resultados.

Geralmente, os professores não são obrigados a ensinar durante os quatro períodos na mesma escola. Contractam-se substitutos, no caso de os professores regulares desajerarem ausentar-se durante os termos do vaezo.

É costume dos professores americanos cursarem elles proprios uma escola durante o período de férias. Quando não estudam, fazem excursões instructivas mesmo no paiz ou no estrangeiro.

Muitos delles, porém, por espirito pratico, ensinam em outras escolas, para descansar com a mudança de trabalho, e também estar em contacto com pessoas diferentes, conhecendo de *visu*, outras personalidades, e vendo praticar outros methodos e processos de ensino.

O americano é apologista da originalidade. Quasi se pode dizer que, em detalhes, cada escola americana é uma e unica no genero.

O professor que lecciona em duas escolas, em um mesmo anno, tem opportunidade de ver novidades em materia de ensino.

PROGRAMMA DE ENSINO EM S. PAULO

Afim de que possam os professores colher novas informações em materia de ensino, e fiquem ao corrente do que se vae passando nos outros Estados acerca de instructão, iniciamos hoje a transcripção do *Programma de Ensino* no importante Estado de S. Paulo, recommendando sua leitura aos professores, directores de grupos e inspectores regionaes.

1º ANNO PRIMARIO

LEITURA

Indicações—O ensino inicial da leitura, conhecimento basico e primordial de toda a instructão, deve ser praticado pelo methodo que mais se coadune com o desenvolvimento natural da intelligencia infantil.

Actualmente, que nos interessamos sobremaneira com a psychologia da creança, que julgamos como fim principal da leitura—a apprehensão e enunciação do pensamento, que desejamos poupar ao aprendiz o duplo esforço de abstracções e de traente o ambiente escolar, somente podemos adoptar um methodo que seja intuitivo, animado e conforme á realidade psychica do processo de percepção.

Satisfaz plenamente a essas condições o methodo analytic, em voga em nesses escolas ha mais de um decennio, e que, pelos seus resultados inconcussos, aqui se implantou definitivamente, condemnando ao ovidio os obsoletos methodos synthetico.

De accordo com os principios fundamentaes desse methodo, iniciaremos a aprendizagem pela *sentença*, em que é mais facil e natural a aquisição de palavras; as palavras aprendidas pelas creanças serão, logo a seguir, empregadas em variadas sentenças, que já devem ser lidas de modo expressivo, para que se lhes implantem bons habitos desde as primeiras lições; depois, os vocabolos dominados serão decompostos em seus elementos—primeiro em *syllabas*, e estas, posteriormente, em *letras*, para que se habilitem a ler, sem embaraço, *palavras novas*, que, por sua vez, serão introduzidas em numerosas *sentenças*.

Tudo nosso estorço visa, por conseguinte, obter do aprendiz a leitura intelligente das sentenças.

Sem o intuito de constringer a acção dos professores que já praticam esse methodo com satisfatorio exito, mas unicamente para orientar os inexpertes, que, por impaciencia ou falta de ordem, compromettem os excellentes resultados de sua applicação, é que passamos a indicar a sua processologia.

1) *Phase preparatoria*.—Palestras com as creanças, á vista de objectos ou gravuras, para desembaraçar as timidias, captar-lhes a *sympathia* e conduzi-las a enunciarem sentenças completas, sem lhes tolher a liberdade no dizer o que pensam e o que sentem. Esses exercicios oraes facilitam a classificacão das creanças, que serão distribuidas por tres turmas de dez a quinze cada uma (classe A, B e C), conforme a sua vividez, e desenvolvimento intellectual.

Início da leitura.—Formadas as classes, chamaremos successivamente cada uma dellas ao quadro negro, dispondo as creanças em duas fileiras paralelas a sufficiente distancia do mesmo, e dirigimo-lhes perguntas sobre cousas ou gravuras que se relacionem com os assumptos das primeiras lições da cartilha a adoptar, sem contudo nos precedermos de letra das sentenças do livro. Toda a sentença formulada pela creança será lançada no quadro e lida pausadamente pelo professor, á medida que a vae escrevendo. Um alumno repetirá a leitura, lendo-a em voz natural e como um todo. Depois de escritas e lidas umas quatro ou cinco sentenças, serão lidas de baixo para cima, saltadas, etc. E' evidente que essa repetição, quasi de cór, não constitue uma leitura no verdadeiro sentido do termo; mas, aqui, a sentença serve de vehiculo á palavra, e nem poderíamos ensina-la de outra maneira, pois, si ha muitas que exprimem idéas concretas, algumas ha que só adquirem significação, quando relacionadas com outras na enunciação do pensamento. (Faremos a escripta das lições dadas no quadro em calligraphia vertical; e tal a semelhança dessa letra com a de forma, que pouca difficuldade encontrará depois a creança, na passagem do tipo manuscrito para o impresso).

2) *Revisão das sentenças*.—Após cada série de tres ou mais lições, compostas sobre um objecto ou estampa, é indispensavel fazer recapitulações continuas das sentenças. Daremos tempo á classe para que faça a leitura mental, incitaremos o retardatario, e exigiremos sempre uma leitura natural, que demonstre ter o alumno aprendido o sentido do que lê.

Frequeitando a pedagogia moderna, que se ensine simultaneamente a leitura e a escripta, dando aos olhos o

auxilio valioso da actividade muscular, escreveremos destacadamente no quadro, em seguida á lição, uma das sentenças denominadas pelas creanças, para que a copiem no seu caderno de calligraphia. Essas copias, garatujas informes, indicivraes a principio, tornar-se-ão gradativamente mais legiveis, mais perfectas.

3) *Analyse das sentenças*.—E' tempo de se fragmentar as sentenças nos seus principaes termos ou em phrases, subdividindo-as ou escrevendo-as nos degraus de uma escada. Assim ensinaremos a creança a phraser, habito muito necessario á correcta recção da leitura. Depois, destacaremos as palavras das sentenças, dispondo-as em columnas.

Faremos então recordações continuas das palavras dominadas pelos alumnos, agrupando-as do modo mais variavel possível, e com ellas formaremos sentenças novas, que os alumnos lerão por um relancear synthetico dos olhos.

4) *Leitura de tipo de forma*.—Tendo até aqui sido dadas só no quadro negro as lições constantes de quasi um terço da cartilha, é necessario de preparar a classe para a leitura desse livro. Para isso é preciso alternar no quadro, de modo que os vocabulos se correspondam, sentenças em letra de impressão e em manuscrito vertical.

5) *Entrega de cartilha*.—Quando as creanças conseguirem ler facilmente sentenças escriptas no quadro com letra de forma, podemos então entregar-lhes a cartilha. Si foram bem preparadas no quadro, deverão ler sem difficuldade, todas as lições formadas com palavras conhecidas, que devem ser mais ou menos as quinze primeiras.

Desse ponto em diante, toda a lição nova será dada no quadro, para depois ser lida no livro. Essas lições em duplicata asseguram o bom exito desse ensino, tornando-o mais variado e interessante, e evitando a prejudicial decoração.

6) *Conhecimiento das syllabas*.—Organizando-se listas de palavras que comecem pela mesma syllaba (bola, boneca, bocca, botina; casa, cadeira, caderno, cavallo, etc.), chamaremos a attenção da creança para esse elemento do vocabulo, que ella até então considerou como um todo.

Levala-emos a analysar *realmente* uma série de palavras, afim de que aprenda a distinguir as syllabas. Depois, escreveremos no quadro vocabulos com as syllabas separadas (sem traço de união), deste modo: bo-ne-ca; me-ni-na. Assim decomposto, offerecem immediatamente materia para a formação de outros exercicio de synthese utilissima, que a habilita a creança a ler novos termos. Numa lingua como a nossa, em que a pronuncia não se divorcia muito da forma graphica é de incontestavel utilidade o conhecimento synthetico da syllaba. Mas, a syllaba isolada, a creança só deve chegar a conhecer pela analyse da palavra. Procceder de modo contrario, seria inverter a ordem natural do ensino, que ordena partamos do conhecido, do concreto — a palavra — para o desconhecido, do abstracto — a syllaba.

Com as novas palavras, constituídas pelas syllabas destacadas dos vocabulos decompostos pela classe, formaremos diversas sentenças, que os alumnos deverão ler expressivamente, explicando a sua significação.

7) *Aprendizagem das letras*.—Consequiremos por meios dos exercicios de rimas e das listas de palavras que comecem pela mesma letra.

A inicial deve figurar destacadamente e importa ensinar-lhes o respectivo nome. Assim, antes de chegarem ás ultimas paginas da cartilha, já conhecem todo o alphabeto.

8) *Leitura de palavras derivadas de polysyllabos*, etc.— Neste periodo é conveniente chamar a attenção do alumno para certas difficuldades phoneticas do portuguez (os diversos valores do x, e a r pronuncia dos grupos consonantes —ph, lh, cl, pr, etc.); exercital-o na leitura de polysyllabos e de palavras derivadas, formadas com os suffixos mais communs (ado, eiro, isto, ismo), com os que indicam as flexões de genero, numero e grau, etc.

9) *Leitura do 1º livro*.—Após a recordação da cartilha, estará a classe apta para iniciar a leitura de um 1º livro.

A leitura desse novo livro exige um preparo previo no quadro, em que escreveremos os termos desconhecidos e os de pronuncia ou graphia difficil encontrada em cada lição, para que se exercitem em sua leitura rapida, antes de serem á respectiva lição.

Foderemos seguir no preparo de cada lição marcha identica á suggerida nas indicações do 2º anno.

10) *Recapitulação do 1º livro*.

Instruções para uma visita a uma fabrica de calçados

(CLASSE DE 4.º ANNO)

1. Especie de couro e outras materias primas usadas. Origem.
2. Traçar todo o processo usado na confecção das diversas partes do calçado.
3. Divisão do trabalho e especialidade necessaria neste.
4. O producto acabado.
5. Mechanismo e força que o move.
6. Venda; meios e modos de expedição de produção.
7. Especie de trabalho na fabrica; trabalho de mulheres e de criancas; salario pago.
8. Problemas. Composição oral e escripta.

Visita a um mercado

1. Dias em que se encontra aberto o mercado.
2. Diferentes compartimentos do estabelecimento; condições hygienicas.
3. Estudo dos artigos principaes na alimentação, que se encontram á venda. Vegetaes, fructas, carne, peixe, cereaes, etc.
4. Horas em que o mercado é mais frequentado.
5. Proveniencia dos principaes artigos expostos á venda.
6. Critica do acondicionamento e da maneira por que são expostos á venda.
7. Lista de preços dos artigos indispensaveis á vida que se encontram no mercado, para serem usados em problemas.
8. Qualidades moraes indispensaveis aos que se dedicam ao commercio.
9. Instructão de que necessitam para serem bem succedidos na profissão.
10. Vantagens que traz o mercado para uma cidade.

As indicações dadas são apenas suggestões, podendo ser desenvolvidas pelo professor, com grande vantagem.

O dever do professor ao ensinar geographia na escola Primaria

Do livro «The Teaching of Geography in Elementary Schools» de Dodge e Kirchwey

«O professor, dentro dos limites determinados pelo scientista e pelo educador profissional, deve esforçar-se por dar á criança o melhor desenvolvimento intellectual possível, e fazer um trabalho pratico e efficiente, sob todos os pontos de vista. Deve fazer com que o trabalho appareça para a criança a lavoura da creança, que lhe interesse e que tenha vida e significação para ella.

Deve ter em vista que seu trabalho seja em sentido geral util. Deve criticar judiciosamente e impar-

cialmente o programma de geographia que lhe foi dado para executar, e saber como attenuar-lhe os defeitos e supprimir-lhe as falhas, si os houver. Deve preparar-se para conseguir a confiança das autoridades de ensino, de modo a poder modificar o programma para atender ás necessidades de sua classe, preparando-a para usar com proveito o estudo desta importante materia. Deve adoptar qualquer methodo, porém, tendo sempre em vista que seu ensino precisa ser geographico e pedagogico simultaneamente.

O professor de geographia, em qualquer anno do curso, para fazer um ensino efficiente, deve conhecer tão bem o programma do anno que se acha a seu cargo, como dos outros, affim de que estabeleça o élo indispensavel no ensino desta sciencia.

Suggestões para o estudo do algodão

1. Mencionar algumas plantas texteis no Estado de Minas.
2. Uso de photographias ou de gravuras si não for possível visitar uma plantação de algodão, para que o aluno tenha uma ideia da apparencia da planta.
3. Organizar quadros muraes com as gravuras obtidas.
4. Pontos que devem merecer estudo:
 - a. Extensão da plantação.
 - b. Como e quando é plantado.
 - c. Quando floresce e fructifica.
 - d. Colheita.
 - e. Zonas favoraveis.
5. Usos do algodão. Organizar quadros com amostras dos diversos productos industriaes que se fabricam com algodão.
6. Paizes ou regiões que produzem mais algodão no mundo. Comparação de seu aspecto physico e da qualidade de seu solo com o solo brasileiro.
7. Estudo comparativo do Brasil com a Inglaterra e os Estados Unidos sob o ponto de vista da industria manufacturiera, especialmente de tecidos e fição.

Do Canto nas Escolas

(José Eutropio)
Continuação

A RESPIRAÇÃO

A respiração deve ser observada com rigor, de accordo com as indicações do original, por todos quantos cantam.

Não é só por motivos de belleza da execução em conjunto que esta regra deve ser observada, mas tambem por outros de ordem physiologica, sabido que "respirar bem e siber respirar", são dous actos de summa importancia na hygiene do individuo.

Não é difficil obter que os alumnos respirem bem. Bem aconselhados e submettidos a vigilancia meticulosa, consegue-se fazel-os adquirir este habito tão necessario quão importante.

E' certo que a respiração no canto faz-se em condições sensivelmente diferentes das normaes porém, repetimos, tudo depende do bom habito adquirido em tempo.

As respirações, nunca devem ser tomadas no meio de uma palavra ou phrase, cuja natureza exige continuidade de prolação.

A provisão de ar ha de ser sufficiente para poder o cantor chegar até o fim da phrase musical, ou, pelo menos, (si esta for longa) a um ponto em que o effeito desejado e o sentido do texto não sejam truncados por uma subita interrupção.

O gesto de absorção precipitada offerece perigos de vulto. Assim, certos accessos inesperados de tosse mais ou menos violenta não tem outra explicação. Tambem outros accidentes mais graves tem-se dado, havendo mesmo casos de aphonia, devido à absorção inopportuna de ar.

Devi-se respirar de modo normal; a differença entre a respiração normal e a feita durante o canto resulta apenas do rythmo das phrases musicaes e literarias.

A posição natural,—de pé, sem nada que opprima o peito e o ventre,—é a que deve ser mantida no acto de cantar. O busto ha de estar firme, em linha vertical, mas sem rigidez.

A melhor local é o que reunir boas condições de ventilação e espaço.

ENSAIO

Conforme já foi dito, o trabalho de ensinar um hymno torna-se mais rapido, mais agradável e facil si, para os primeiros ensaios, dispuzer o professor de uma turma de alumnos de melhor voz e mais disciplinados. Dez ou quinze bastam. E si for possível seleccional-os de entre as 4 series do curso, ainda melhor será, porque, com o correr do tempo pode a turma de cada serie ir sendo augmentada até constituir-se como conjunto autonomo.

Com esta turma deve o professor de canto ensaiar os hymnos, que depois toda a escola cantará.

Primeiro, o grupo escolhido aprenderá bem o texto poetico, de modo a entender cabalmente o sentido das palavras e phrases que o compõem, a saber bem a lição historica, civica ou moral que o mencionado texto encerra.

Em seguida, fará a leitura rythmica do texto, de accordo com o rythmo da musica, procurando o professor obter a maxima uniformidade na prolação, no accento, nas elisões e fuões de syllabas ou vogaes e nas respirações.

Finalmente a turma aprenderá a melodia ou junta, de uma vez, ao texto, ou separada, para, em seguida, ajustar-lh'a.

Chegado a este ponto, não ha mais senão approximar-se do andamento verdadeiro, porquanto convem adoptar ao começo um andamento lento, que irá sendo modificado até chegar á marcha terminada.

Sabido assim um hymno, facil é ensinal-o ás demais classes, em conjunto ou em separado, pois dos ensaios ouvidos alguma cousa terão retido os que não fazem parte do grupo seleccionado.

Continúa

Leira de Souza Viterbo.

Piedade

Musica...

Devagar

Não desperdices o enfeite
Deste modesto jardim:
Poupa aos lirios cõr de leite
As redomas de setim.

Poupa á flõr de calix d'ouro,
Poupa á mimosa cecem;
Cada flõr vale um thesouro
Vale um poema tambem.

Dirão as brisas chorosas,
Desde manhã ao sol pôr:
-Quem desfolhou nossos rosas?
Quem nos roubou nosso amor?.

Poupa á flõr de calix d'ouro,
Os insectos — luz sem chamma —
Dirão, passando em tropel:
-Maldita a mão que derrama
As urnas do nosso mel.

HYGIENE ESCOLAR

Inspeção medico-sanitaria das escolas

As atribuições de um serviço de inspeção medico-sanitaria nas escolas variam consoante a concepção dominante deste serviço nos diversos países em que é praticado.

Assim ha uma concepção franceza, ingleza, concepções americanas, allemãs, etc. De um modo geral a orbita deste Serviço distende-se parallelamente ao grau de cultura e progresso economico dos diversos centros onde é instituido, divididas as suas funcões em outras tantas especializações, em obediencia ao ineluctavel principio de divisoão do trabalho que nos organismos sociais como biologicos se processa por força do proprio impulso interior de desenvolvimento.

Esse mesmo principio salutar de divisoão de trabalho é que veda ao serviço de inspeção medica escolar transpor limites que lhe são defesos, se deseja que elle se não transvie da rota que o assenso unanime lhe confere.

Não deve por elle ser feita particular deve exercer-se dentro da escola, limitando-se a conselhos de hygiene e prophylaxia, advertencias feitas aos professores, ás familias, aos medicos destas, etc. O contrario seria transformar a escola em vasta polyclinica, na phrase de Guibert, desviada do seu objectivo principal a actividade dos medicos escolares.

Delimitado o campo de acção do medico escolar, ainda assim é consideravel o trabalho que d'elle se exige, bastando para confirmar este aserto ponderar que por elle devem ser organizadas annualmente centenas ou mesmo milhares de fichas cuja elaboraçao deve ser precedida de um acurado exame, ter em vista a sua intervençao activa na educaçao sanitaria dos escolares, como orientador do proprio ensino de hygiene geral da escola, na hygiene collectiva dos escolares. Com os progressos que esse serviço realize porventura entre nós é ainda ao medico escolar que se devera incumbir tudo quanto concerne á pedagogia psychologica, isto é, medidas de fadiga intellectual, estafio, horarios de classes, etc., ao exame medico psychico dos escolares, retardados, etc.

De semelhante concepção deste serviço não se infere que a administração publica se deva desinteressar da remoção dos defeitos e doenças encontradas nos escolares. As responsabilidades do Estado são tanto maiores neste particular quanto em todos os países cultos a educaçao é ministrada mais ou menos compulsoriamente. E «a instrucção obrigatoria, escreve Milton Rosenau, só deve ser adoptada pelos que estejam em condições de ministral-a satisfactoriamente, isto é, permitindo ao individuo a plena expansao de sua personalidade em um sentido util á collectividade. Do contrario o Estado commette um crime para consigo mesmo».

O serviço sanitario das escolas tem, pois, o indeclinavel dever não de sanar elle proprio todas as falhas e defeitos encontrados, mas de promover por todos os meios de que disponha a remoção de uns e outros.

Por diversas formas se tem procurado superar estas difficuldades, prevalecendo nos centros adiantados a orientação consoante a qual as crianças são encaminhadas para clinicas

publicas ou particulares e serviços especializados, com participação obrigatoria dos paes ou responsaveis pelos escolares nas despesas, sempre que possam prover ás mesmas.

Ao serviço de inspeção medico-sanitaria cumpre então organizar um perfeito serviço de notificação de estados morbidos ou simples defeitos encontrados, desenvolvendo activa propaganda junto aos paes ou interessados pelas crianças pela irradiaçao destas causas de inferioridade organica ou mental.

Da mesma forma deveremos proceder em nosso meio, para que a inspeção medico-sanitaria recém instituida não seja apenas uma instituicao de fachada, segundo a phrase de Victor Pechère; mas que não nos esqueçamos que a maior parte de estados morbidos deixam de ser removidos não tanto pela carencia de recursos, mas porque passam o mais das vezes despercebidos ou são ignorados na sua sua significação pathologica.

Attingimos neste ponto ao amago da questão. A causa destes factos vamos encontral-a na pouca attenção que ainda se dispensa áquillo que mais deve preoccupar o homem - a sua saúde, de sorte que os assumptos a mesma ligados difficilmente se collocam em foco. É forçoso, pois, que neste como nos demais assumptos que dizem respeito á saúde individual e collectiva todas as iniciativas que se desejam fecundas sejam precedidas ou acompanhadas de intenso trabalho de propaganda, de sorte que todos os individuos interessados na inspeção medico-sanitaria das escolas lhe apprehendam a significação precisa, como élos solidarios de uma mesma cadeia de serviços e atribuições.

É a conclusão a que chega Tagliarferro Clark, do Serviço de Saude Publica da União Americana, após cuidadosa revista dos esforços desenvolvidos neste sentido naquell'c grande paiz: «while the need for the correction of physical defects has been established by the medical examination of the school children, little has been accomplished as yet in the way of results. In fact, investigations have proved that although in many cases the physical examinations have been made in a satisfactory manner, the correction of defects was anything but satisfactory».

Estes resultados são devidos, segundo o higienista que citamos ao descaso pela educaçao sanitaria dos educandos, patente na carencia de programma delimitado para o ensino desta ordem de conhecimentos nas escolas. Esse o grande escolho a evitar, se desejamos aproveitar a lição que nos vem dos países de experiencia já madura neste assumpto. «In all lines of education, escreve ainda Clark, except health, educators have found it necessary to set a certain standard for the children toward which they can work. For instance' a thirdgrade child is required to learn a certain amount of arithmetic and be able to read certain books. He is not given the indefinite instruction to «Learn arithmetic», «Learn to read».

Following this line of thought, the question came up whether it were possible to set a definite standard of health for the children rather to say them: be healthy, be well - without giving them an adequate idea of what health meant».

Consoante esta orientação um programma foi adoptado preciso, desataviando-se igualmente a inspeção medica de

toda a sorte de adereços theoreticos, reduzindo-se esta a investigar o que se conveniou designar requisitos essenciaes de saúde, de accordo com o programma que transcrevemos:

OLHOS: a) Visão normal ou corrigida por meio de lentes; b) nenhum symptoma de doença ou inflammação.

OUVIDO: a) Audição normal; b) nenhum symptoma de doença ou inflammação.

NARIZ: a) Ausencia de vegetações adenoides; b) nenhuma outra obstrucção.

GARGANTA: a) Amígdalas sãs e não hypertrophiadas; nenhum symptoma de doença ou inflammação.

BOCCA: a) Nenhuma cavidade nos dentes que não esteja obturada; b) dentes limpos, demonstrando cuidados diarios; c) gengivas sãs.

PELLE: a) Ausencia de erupções; b) pelle limpa, livre de escabioses; c) ausencia de pediculoze.

CAIXA THORAXICA: a) Nenhum symptoma de doença ou inflammação dos pulmões; b) expansão da caixa thoraxica de no minimo duas pollegadas.

VACCINAÇÃO: a) Boa cicatriz e atestado de vaccinação recente contra a varíola.

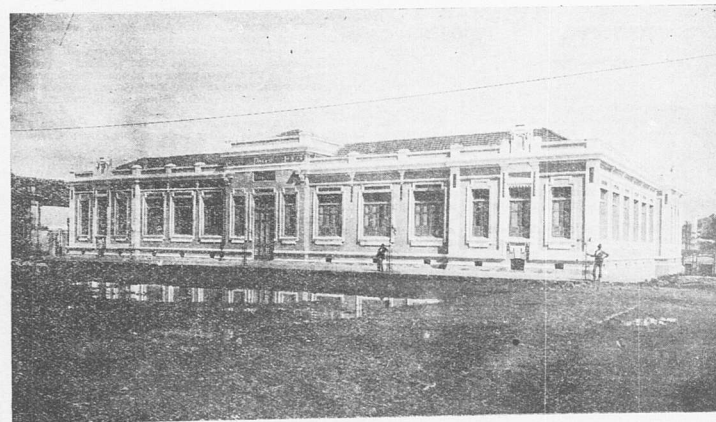
NUTRIÇÃO: a) Peso normal ou que não seja inferior a este de mais de 10% ou superior de mais de 23%; b) exame negativo para vermes; c) baço não augmentado de volume.

A fiscalisação destes requisitos essenciaes tem antes por objectivo focalizar os assumptos referentes a hygiene individual.

Está claro que na elaboraçao de ficha escolar, o medico procederá a metuculosos exames, anthropometrico, physiologico e pathologico da criança, anotando com especial cuidado o que apprehender de mais significativo.

Para bem visualizar este assumpto, para que a retina receba a impressao diaria do que é indispensavel em materia de hygiene individual, um mappa mural foi igualmente adoptado em alguns Estados da União Americana. Neste mappa são lançados em caracteres bem visiveis os nomes dos alumnos numa primeira columna vertical e em cada uma das columnas seguintes os requisitos essenciaes de saúde. As deficiencias e correções são assignaladas por meio de signaes convençionaes, sempre os mesmos, de sorte que de um relance se pode formar juizo a respeito da saúde do escolar. Ao lado deste mappa é collocada a escala de pesos, onde são igualmente gravados os nomes de todos os alumnos da classe, com a indicaçao dos pesos actuaes e dos que deveriam ter de accordo com a mencionada escala.

Consegue se desta forma projectar em um plano superior de preoccupaçao os assumptos atinentes á hygiene individual, cuja primacial importancia não se compadecia mais com a situação de inferioridade em que têm sido relegados.



GRUPO ESCOLAR «OLEGARIO MACIEL» DA CAPITAL

Melhores praticos de aprender regras de saúde

A sala de aula, que é hoje, mais do que nunca um ambiente agradável, desaparecidos os velhos processos de ensinar presta-se admiravelmente para lições de saúde, nas quaes adquira o aluno algumas noções de real protecção na sua vida.

Vejamos, com effeito, para entrarmos logo na parte pratica do assumpto, quaes as lições que nesse sentido podem ser dadas de modo proveitoso ás classes elementares.

As primeiras crianças formulam as seguintes regras:

- 1.° Beba no menos seis copos d'agua por dia.
- 2.° Coma bastante fructas e vejetaes.
- 3.° Não coma coisa alguma entre as refeições.
- 4.° Escove os dentes duas vezes ao dia pela manhã e á noite.
- 5.° Lave o rosto, as mãos, os braços, o pescoco e os ouvidos, todas as manhãs.
- 6.° Tome mais de um banho por semana.
- 7.° Durma pelo menos 9 horas cada noite, em aposento com janella aberta.

SECÇÃO RECREATIVA

Para que servem os impostos

CONTO MENSAL

Muito casquilhos com seus ternos brancos, sapatos bem engravados, chapéito de palha, e um grande laço de gravata de côr viva, estavam os tres meninos no adro da matriz, em companhia do vovô, esperando o signal de entrada da missa de domingo. A mamãe e as duas irmanzinhas já lá estavam dentro da Igreja.

Num grupo de algumas pessoas conversava-se sobre um dos assumptos de terra pequena. Estavam apostadas em mostrar cada qual o seu pessimismo doentio, e o prazer em não occurrerem a tendencia para injustiça sobre os negocios publicos.

—Este paiz está perdido, sentenciava um negociante, famoso pela ganancia, e de quem dizia o povo que a sua regra era:—olho em Deus e unha no proximo.— Nem sei onde vamos parar com tantas ladroerias!.

—É isso mesmo, compadre, retrucou um outro da roda. Os impostos deveram tudo, tudo, e vão para o bucho desses ladros, que não fazem caso dos sofrimentos do povo. Frequentes de uma revolução, á moda da Russia, que acabe com todos esses impostos, que o povo paga, para os magnatas destruirem o nosso dinheiro no luxo do Rio, de S. Paulo e outras cidades grandes.

—Disseram-me, volveu um outro, que a Camara vai augmentar os impostos ainda mais, sobre o fumo e a cachaça, de modo que o melhor é a gente abandonar a lavoura.

—Elles que se animem a mandar cobrar mais esse augmento lá na minha fazenda! Hão de ver como os recebo, exclamou um fazendeiro, brandindo o vasto guarda-chuva, como se fóra uma arma de morte. Solto-lhes ás pernas os meus cães de fila, que hão de os pôr fóra das divisas. Qual! Isto é uma terra perdida, entregue aos ladros!

8.° Escove e penteie os cabelos diariamente.

9.° Limpe as unhas todos os dias.

10.° Brinque ao ar livre pelo menos uma hora cada dia.

Depois que o alumno observa estas regras durante dez dias, está prompto para a VIAGEM DA SAUDE que consiste em escrever seu nome no registro dos passageiros do VAPOR DA SAUDE, uma artistica embarcação feita de cartolina e collocada em logar bem visivel na sala de aula. Na embarcação ha dez marinheiros sendo cada um designado por uma das regras acima mencionadas. O passageiro que deixar de observar alguma das regras, é atrairado ao mar (seu nome é retirado do vapor), e somente ao fim de vinte dias de observancia das regras poderá ser novamente admitido a bordo.

No fim do prazo determinado para a viagem, chega-se á TERRA DA SAUDE, imaginariamente, realizando-se então uma festa infantil em que tomam parte os que conseguem atingi-la, e que são recebidos como verdadeiros heroes.

E' este um methodo sem duvida attraente, adoptado nas escolas norte-americanas.

Neste momento, o vovô, o dr. Aniceto, entendeu conveniente tomar parte na conversa.

—Mas, os impostos são a vida do povo e não a sua morte, disse, muito delicadamente. Como poderemos prosperar, pagar as dividas da Nação, pagar os nossos funcionarios, sem renda, si a renda vem do imposto? Como poderemos ter o nosso exercito, nossa esquadra, cuidar da instrucção publica, de tantos outros servicos?

—Pois, é isso mesmo que me revolta, exclamou o negociante. No fim havia de dar certo. O que é duro é sermos nós não sacrificados, para que meia duzia de gatunos viva á tripa fóra, a custa do suor do povo.

Os meninos ouviam attentamente aquella conversação, quasi sem a comprehender.

—Eu, si pudesse!... exclamou um outro lavrador, com um sotaque estrangeiro.

—Não se veio a saber o que elle faria, se pudesse, porque, nesse momento, badalou o sino grande, annunciando a entrada da missa, e todos se dirigiram para a igreja, afim de orarem ao bom Deus, que, na terra, aconselha-se a pagagem os tributos devidos a Cesar.

Era domingo, e, nesse dia, vovô não lá trabalhar em seu escriptorio. Depois do almoço, foi occupar a sua *chaise longue* no largo alpendre, que dava para a rua. Os netinhos vieram tambem brincar allí, seu lugar predilecto.

Então, o excellento velho, com aquella pachorra e bonhomia que liberalizava ás creanças, descobriu um bom assumpto sobre que podia palestra com os seus netinhos.

—Eu notei hoje, disse-lhes, que vocês estavam prestando muita attenção á conversa no adro da matriz entre aquelles homens, tão zangados contra os impostos, contra o governo, contra tudo. Diga-me, disse o Marcello, você comprehendeu o que dizem?

—Isso mesmo, disse o vovô. Agora, para que fiquem vocês sabendo bem do caso, vamos reparar em muita coisa, daqui mesmo, sem sahirnos de casa. Olhem para o chão da nossa rua. Que estão vendo?

—A calçada, disse o Juquinha.

—Muito bem; é isso mesmo. Agora, e aquelles postes muito altos no centro da rua, para que servem?

—Ora, vovô... Pois, o senhor não sabe? São para as lampadas electricas.

—Essas arvores, tão bonitas, tão bem tratadas, junto aos passeios, tambem servem para alguma coisa? Diga-me, Geraldo.

—São para enfeitar a rua e dar sombra.

—Justamente. Então, só nesta rua vocês já viram trez cousas uteis para todos. Mas, ainda ha muitas! Aquelle chafariz, onde tanta gente vai buscar agua, principalmente os pobres, que não podem ter agua canalizada em suas casinhas, os fios do telephone, que torna o trabalho mais facil e suave, tudo isso foi organizado em nosso beneficio, não é verdade?

—De certo, confirmou o Marcello.

—Pelo que vejo chegaram onde eu queria. O calçamento da nossa rua, a iluminação, as arvores, que tanto enfeitejam a nossa cidade, e a agua trazida, de tão longe, o telephone, que poupa tão longas caminhadas, tudo isso custou muito dinheiro, e muito tambem para se conservar. Sabem quem paga tudo isso?

Os meninos conservaram-se silenciosos.

—É a Camara Municipal, explicou elle. E quem saber com que dinheiro ella faz e mantem tantas despesas? Com os impostos, que não vão para a algebrica dos velhacos, e, sim, para a custeio dos esses servicos. Esses tributos foram estudados com muita attenção, muita equidade, pelos vereadores eleitos, isto é, escolhidos livremente pelo povo, e que servem gratuitamente esse cargo, mesmo sabendo que são mal vistos, ás vezes.

Nesse instante, uma carrocinha de verdura e de fructas, passou em frente á casa dos meninos.

—Não ouviram falar que as grandes enchentes do anno passado destruíram as pontes visinhas da cidade? Pois foi preciso que a camara as reconstruisse, para que os pequenos lavradores pudessem trazer seus generos, que tanta falta nos fizeram. E' ainda ao imposto, pago por alguns, pelos mais abastados, que todos devem esse grande beneficio. Agora, accrescentou o velho, vamos postar-nos junto á grade do alpendre, para vermos os que passam na rua. E' domingo, e a cidade está mais animada.

Os meninos encarpitaram na grade.

—Observem aquelle homem fardado, que está naquella esquina, lá longe. Quem será?

O Juquinha, pondo a mão sobre os olhos, por causa do sol, disse logo: Aquelle é o Manoel Francisco, um soldado de policia.

—E quem paga aquella soldado, que tem de ficar allí muitas horas, quer chova quer faça sol ardente, velando quando todos dormem, para evitar que algum pratique algum crime, para manter a ordem, prendendo os criminosos, ainda com risco de vida, e para que mesmo os pobres sejam respeitados em casa e na rua? E' ainda o imposto.

Pouco depois, um homem de aspecto distincto, de sobrecasaca preta, tirou o chapéu para cumprimentar o dr. Aniceto, que lhe correspondeu com a maior urbanidade.

—Conhecem este homem? perguntou aos netinhos. E' o juiz de Direito, o encarregado de fazer cumprir as leis, seja contra quem for, seja seu maior amigo ou parente. E' a garantia dos direitos de todos. Se alguem não me quer pagar o que deve, naturalmente eu não vou brigar, fazendo a cobrança á força. Vou pedir a protecção e justiça ao juiz.

Agora imaginem o quanto esse homem estudou e se preparou para occupar esse cargo tão espinhoso, e para merecer o respeito de todos... Pois, já advinharam tambem que é o imposto, a retribuição devida pelo povo que remunera esse magistrado.

—Muito de ver-se a attenção com que as creanças ouviam aquelles explicações do vovô, que voltara á sua *chaise longue*.

—Ha uma pessoa, disse elle, tão digna, que até vocês seriam capazes de vender os brinquedinhos para recompensarem seu trabalho, si o Estado não lhe pudesse pagar. Quem é? Então não advinharam ainda?

Os meninos entrelhoraram-se perplexos, não atinando quem fosse essa pessoa, que tanto lhes devia merecer.

—E' a professora que vocês têm; são todas as moças

que ensinam nas escolas, nos grupos, gastando a sua mocidade, servindo de mãe a tantas creanças, recebendo a ingratitude de muitas dellas, e que, depois, nem, ás vezes, lhes tiram o chapéu. São moças distinctas, que se resignaram a suportar o anno inteiro os meninos sujos, mal creados, cheios de pequenos vicios, e muitos tristemente inimigos do ensino.

Neste momento um apito forte, estridente, varou o espaço, o Marcello exclamou:—E' o trem que vem chegando.

—Não teriamos em nossa terra esse immenso melhoramento, si não fosse o imposto, porque o Estado o tem obrigado a gastar suas rendas o melhor possivel, e, por isso, elle muito auxiliou a construcção da Estrada de Ferro. Suppor que havia inconveniencia em thesaurisar esse dinheiro, como fazem os particulares, é maior das absurdas.

Nestes, não pensem vocês, accrescentou, tudo corre bem em toda parte. Eu conheço uma camara municipal, tão mal governada anda o municipio, que na cidade não ha agua canalizada, de modo que o povo tem de trazê-la em barris do fundo das ruas; não ha iluminação nas ruas, que ficam sepultadas na maior escuridão; pastam as vacas, os porcos e cabritos nas ruas de matto; não ha uma arvore alinhando e dando sombra; o maior desmazelamento, de modo que é uma cidade doentia; não prospera os terrenos e as casas vão sempre diminuindo de valor. Mas, o presidente da camara tem o garbo de afirmar que os impostos allí são muito reduzidos. Acham que elle governa bem seu municipio?

—Mas, pergunto ao Marcello, como é que o povo supprta um homem assim?

—Porque elle foi eleito pelo povo, e assim mostrou não desejar o progresso da sua terra, e que tambem o incapaz E' agora, Juquinha, voltea a cabeça e me mostre o mais valentão, diga-me uma cousa:—Quando ouvir falar, como hoje, que este paiz é dos ladros, que os impostos são uma ladroeria, que faz?...

O Juquinha, firmando-se nas pernas, com o olhar fusilando de indignação, respondeu: Dou-lhe um chute, que ha de parar na lua!

Gustavo Penna

(Do livro de leitura EDUCAÇÃO.)

A ONÇA E O COELHO

Folk-lore

Um dia estava o Coelho cochilando no meio dumas relvas altas quando as suas orelhas colossaes ouviram um barulho proximo.

Voltando assustado o rosto, enxergou uma grande onça pintada. Soltou de medo um grande pulo e cahiu nas costas dum veado. Este, que dormia perto, acordou por sua vez sobressaltado, e, dando um medonho, um grande pulo, cahiu (tambem) por sua vez nas relvas altas e altas terra.

E o coelho esperto disse á onça:

—Está vendo, minha senhora, como é que se levanta um veado?

—E' tou, sim,—respondeu ella—o senhor é um grande veadeiro! Eu presenciei de seus servicos.

D'ahi por diante o coelho e a onça ficaram muito bons amigos.

Ora, um dia, numa vasta clareira, houve uma tombola animadissima em beneficio dos animaes sem recursos. Devia durar tres dias. No primeiro, lá estava o coelho no meio da bicharada, quando a onça entrou toda arrogante e até sem cumprimentar ninguém. Os animaes todos calaram-se com uns arrinhos de medo e espanto.

O coelho, então, desabuzado, voltou-se para alguns do grupo, onde se achava palestrando, e disse-lhes com pronunciado dextreza:

—Vocês, parece, que têm medo da onça!... Pois eu, si quizerem apostar, sou capaz de vir aqui amanhã, montadinho nella e de chicote!

—E' baixol!... E' impovivel!... E' um absurdo!... exclamaram todos. Mas a aposta ficou tramada.

No dia seguinte o sr. Coelho fingiu que estava mui doente. Pôz um lenço de alicobaça no rosto; entro-

lou as pernas de molambos e arrastou-se penosamente até a casa da sra. Onça, não sem levar todos os aprestos para arrear um animal de sella.

—Lá chegando, disse-lhe elle; que vou sumida e lastimosa! Amiga senhora Onça!... Eu queria tanto ir a Kermees! E' uma promessa a que não posso falhar!... Mas estou tão fraco... tão doentel...
—Mas que quer então que lhe faça? — perguntou-lhe a sua grande amiga.
—Eu quizera que a senhora me carregasse até lá... Ah!... como soffro, senhora! Seria um favor que eu nunca pagaria! — Pois bem — respondeu-lhe a outra, — terei o prazer de lhe prestar um serviço em paga do que já me prestou. Suba nesse barranco e monte.
—Mas é preciso... — acrescentou o coelho
—Que é preciso?
—...que eu lhe ponha nas costas este "forro", que é para não me machucar, — disse o coelho, suspendendo o sellim.
E poz-lhe o sellim nas costas. Mas, ao apertar-lhe a barrigüeira, a Onça protestou humilhada:
—Para que me aperta a barriga?
—E' para segurar o forro — disse o coelho com voz fraca.
Depois pass-u-lhe pela frente um peitoral cheio de guizos e rendas — o que muito agradou á onça, a ponto de tornal-a vaidosa. — Mas depois, para collocar-lhe o rabicho, houve um compido bate-bocca:
—Isso não! — senhor Coelho... sua exigencia é demaziada! Mas o coelho convenceu-a logo: — ella tinha que decer ladeiras e aquillo então impediria que o forro corresse para a frente e lhe szisse depois pela cabeça.
Em seguida, collocou-lhe o freio, dizendo-lhe para engalanar-se.
—E' moda agora, senhora Onça. Veja só que belezal!... Já muitos animaes o uzam e com elle na sua linda face, a senhora fica uma verdadeira rainha!
O coelho então tomou o chicote, que era (assim disse a onça) destinado a espartar as moscas, e montou nella com muito custo, pedindo que andasse devagar, pois elle estava muito fraquinho e não podia supportar as mais leves solavancos do trote.
A onça partiu devagarinho, levando-o com todo jeito e cuidado, mas, logo que entraram pela tombola, ao encontro de toda a bicharada, o coelho ferrou-lhe a espora e mettu-lhe a taca nos ouvidos. A onça correu desesperada, derrubando tudo em sua passagem. Com pinotes e grandes nuvos, deu duas voltas pela clareira, no meio de todos os animaes e voltou raivosa para a casa. A bicharada entuziasmon-se toda, e uma chuva de palmas barulhentas applaudiu o sr. Coelho.

—Desça! Desça! — senhor Coelho, que o senhor agora vae me pagar! — disse ella já muito longe, parando no meio do caminho.
Mas o coelho, ligeiro e leve, já tinha saltado no caminho e já estava em casa, muito concho.
Quando ella percebeu, porfim, que nada se achava nas suas costas a não ser a sella espartada, correu para a toca do coelho, onde estava parado um sapo.
—O sr. Coelho entrou ahí dentro? — perguntou-lhe ella malcriada.
—Sim, senhora, elle entrou, sim.
Fois então, tomou conta del, enquanto eu vou buscar uma enxada. Si você o deixar fugir, já sabec — pagará por elle. Sim, senhora, — roncou o sapo no papo.
Mas, enquanto a onça foi buscar ferramenta, o coelho, que tinha ouvido a conversa, chegou á porta de sua toca e perguntou de repente ao sapo:
O senhor gosta de rape?
—Porque não? — roncou o outro. Gosto muito, muito!... Não chegou o sapo a terminar a resposta, quando o coelho, rapidamente lhe attrou aos olhos um punhado de terra e, enquanto ella coçava os olhos, o outro fugiu a toda pressa.

Quando a onça voltou á toca, perguntou logo ao sr. Sapo:
—O sr. Coelho ainda está ahí?
—O sr. Coelho está ahí dentro — respondeu-lhe o outro convencido.
Ora, a onça cavou, cavou, até chegar ao fundo do buraco,

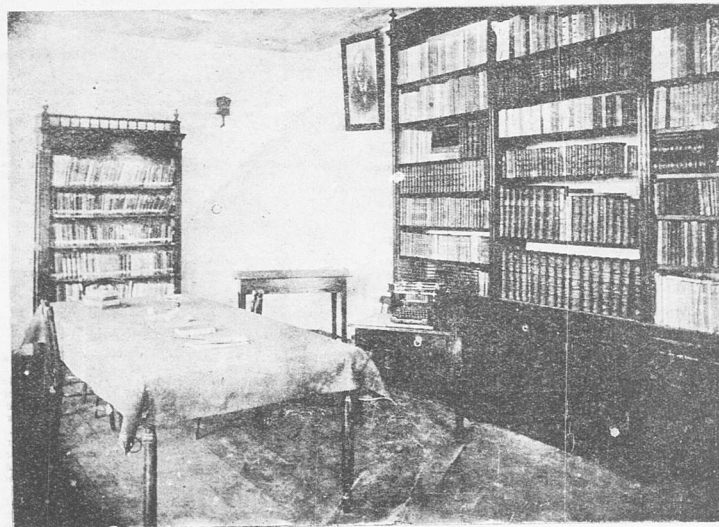
mas nem sombra do sr. Coelho, que ha muito já se achava longe.

—Agora você vae morrer! — bradou a onça desesperada — porque foi deixar o outro fugir. Pode escolher o seu genero de morte — ou morrerá no fogo ou na agua.
Ah! Sid Onça! — exclamou o sapo, — não me atire na agua, não, porque é muito triste a gente morrer afogado!... A tire-me ao fogo, dona Onça, porque estou mais acostumado com elle!

Fois então, — berrou a Onça — é na agua que você vae morrer!
E arremessou-o numa lagôa proxima.
E o nosso sapo, uma vez n'agua, sabia nadando e roncando:
—Ti-bum! — Isto mesmo é que eu queria!... Ti-bum!...
Folk

O URUBÚ E O SAPO

Poucos sabem, talvez, a razão por que o Sapo tem o dorso achatado e todo coberto de chagas. Segundo uma lenda indigena, certa vez o Urubú foi, juntamente com o Sapo, convidado para uma grande festa no Céu. Só para morrer o Sapo, o Urubú foi proccal-o, dizendo-lhe: — Eh! compadre; sei que você vae ao Céu. Si não lhe desagrada a companhia, iremos juntos.
—Estou prompto a acompanhar-o, respondeu mestre Sapo, mas com a condição de você levar a sua incomparavel viola.
—E você, disse o Urubú, não se esqueça de levar tambem o seu pandeiro.
No dia seguinte, o Urubú, apresentou-se, muito lampreiro, em casa do Sapo, que o recebeu mi cordialmente, convidando-o a entrar, afim de ver a comadre e os sapinhos, seus filhos. — Estavam no melhor da conversa, quando o Sapo, aproximando-se da porta, sem entrar, disse ao Urubú:
—Como o compadre sabe, eu não me perco por andar lá muito depressa.
E' justo, pois, que leve alguma dianteira ao compadre. E, acto continuo, pulou com uma agilidade que era capaz de suppr-lhe, para dentro da viola do Urubú, zhi se acomodando da melhor maneira que poude. Logo depois, o Urubú despedia-se da senhora Sapo e de seus filhos e, passando o bico na viola, seguiu sobre do Céu. Em lá chegando, asediaram-n'o de perguntas sobre mestre Sapo. — Então, aquelle maroto vem ou não vem á festa?
—Vocês estão brincando, respondeu, mrito convencido, o Urubú. Pois, aquelle malandro pôde lá venturar-se a tão longa e perigosa jornada, através dos ares? Tomaria elle poder arrastar-se pela terra.
Dito isto, encostou a viola a um canto e foi debicar algumas leguarias, pois a longa travessia através das nuvens lhe abira um appetite de todos os diabos. Mal tomando logar á mesa, começaram todos a comer e a beber, o Sapo, saltando, sem ser visto, de dentro da viola do Urubú, bradou aos convivas boquiabertos, pregando-lhes um grande susto:
—Cá está o diêgas!
—Terminada a festa, quando todos os convidados já se haviam retirado, o Sapo, aproveitando-se de um momento de distracção do Urubú, tornou a saltar para dentro de sua viola.
O Urubú punha-se pouco depois a caminho.
A certa altura, porém, percebendo que alguma coisa remexia dentro da viola, voltou-a para a terra, sacudindo-a com força.
O Sapo cahiu, fendendo as nuvens com uma velocidade incalculavel.
—Arredae-vos, pedras, e rochedos, berrava elle, aproximando-se da terra, si não quereis ser esmagados! Não ha perigo, replicou, zombeteiro, o Urubú.
Sabeis vóar tão bem!
Isto não o impediu, entretanto, de acchar-se e machucar-se consideravelmente.
Ahi tem os meninos, segundo o fabulario indigena, o motivo por que o Sapo, de um animal apresentavel que talvez fosse, se transformou no ser hediondo que todos hoje evitam com repugnancia.



INTERIOR DA BIBLIOTHECA DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

O JABOTY E O GIGANTE

O folk-lore nacional é um manual de fabulas e bu-das, infelizmente ainda bem pouco explorado.
Pondo em scena o animal falante, emprestando-lhe pensamentos e actos, como se fôra um ser raciocinante, o selvicola transmittiu-nos centenas de historietas, cujo fundo en-cerra sempre concerto salutar, com o triumpho da astucia ou de uma virtude.
Haja vista a aventura do Jaboty e do Gigante.
Andava o Jaboty pelo littoral, na sua fama de rodear o Oceano, em cujas aguas vivia a maior parte seu tempo.
Já se lamuriava do seu isolamento, procurando um meio qualquer de distribuir-se, quando aconteceu avistar-se, del-tado de barriga para o ar, gescando a freccura dos penedos sombrios e humidecidos, um gigante musculoso, cujo vultu se destacava entre a areia revolvida pelas ondas.
O Jaboty chegou-se-lhe bem ao ouvido e gritou:
—Olá, seu Gigante!
—Olá, Jaboty. Você por aqui!
—Vamos fazer uma aposta?
—Que aposta, Jaboty?
—E' esta: puxaremos ambos por uma corda: você pega de um lado e eu do outro. O que cancar primeiro, perde!
O Gigante cihou desdenhosamente de alto a baixo o Jaboty e riu-se gostosamente da sua figura grotesca com uma estrondosa gargalhada que fez estremecer as serras:

—Deixa disso, Jaboty! Teria graça medir forças com você!
Mas, como o Jaboty insistisse, levantou-se resolute e accellou o desafio.
Traida a corda, o Jaboty mergulhou-a nas ondas e lá no fundo, amarrou a extremidade na cauda de uma baleia.
Em seguida, cautelosamente, escondeu-se entre grupos de rochas, prelibando a delicia de zombar des esgares do seu contendor: A luta começara. Em esforços horríveis, contendo a respiração, concentrando todas as suas forças o Gigante suava inutilmente, destendendo os musculos, raivoso com a resistencia inesperada.
Do seu esconderijo o animalzinho ria-se assistindo ao espectáculo que preparara.
Por duas vezes, o Gigante foi arrastado até dentro d'agua pelo poderoso cetaceo e por duas vezes conseguiu voltar á terra.
Final, exaustão, reolveu abandonar a corda:
—Basta! Basta, Jaboty!
Sorrateiro, o Jaboty deixou a toca, mergulhou-se novamente, deitou a corda da baleia e fingindo-se oftegan-te, saltou na praia.
—Você está fatigado, Jaboty?
—Eu? Nada, não me cansel. Foi um brinquedo.
E o Gigante deixou-o dizendo:
—Agora vejo que você é mais forte do que eu.
Com esta lenda quizeram de certo os selvicolos de-mostrar a superioridade intellectual da argucia sobre a força bruta da materia.

108

SEÇÃO OFFICIAL

AVISOS

A Secretaria do Interior, empenhada em fazer das nossas casas de ensino institutos que possam elevar cada vez mais o bom nome do Estado, vem recomendar aos diretores, inspetores e professores, a todos, enfim, que tem os olhos voltados para a instrução popular, mais duas iniciativas de incontestável proveito.

Quer a direcção do ensino que se promovam nos nossos estabelecimentos, a fundação de museus e bibliotecas e a realização de excursões escolares.

A primeira iniciativa, si levada a termo com patriotismo e critério, terá projecção tão larga, que não se limitará ás paredes de cada estabelecimento. A sua repressão atingirá certamente, todo o meio social em que o instituto tem sede, despertando em seu seio, interesse natural e justificado por um melhoramento que eleva o seu grau de cultura.

A segunda iniciativa, também como a primeira adoptada hoje no mundo, em todas as casas modernas de educação e ensino, virá imprimir um novo e radioso sopro de vida aos nossos estabelecimentos, facilitando, entre os alumnos, esse alegre convívio, a que as excursões dão um forte sentimento de camaradagem.

A Secretaria do Interior recomenda, com legítimo empenho, os movimentos, que realizem essa idea. Assim melhor se completará entre nós a educação popular, problema que dia a dia, exige um punhado de lembranças e de actos que tornem melhor o ambiente dos que frequentam os bancos escolares.

A Secretaria aguarda com interesse o resultado destas recommendações.

(Minas Geraes de 2-4-1925)

Excursões escolares

A Secretaria do Interior faz publicar as instrucções que se seguem, sobre as quaes devea ser rigorosamente cumpridas, como forma melhor de methodizar o trabalho dos professores e directores de grupos.

Com effeito, as excursões têm por fim o estudo da localidade da escola, e devem equivaler a verdadeiras aulas, onde os alumnos observem e fiquem conhecendo não só a vida social e administrativa da sede escolar, mas também as suas condições naturaes.

Importa considerar as excursões como exercicios escolares, e não como passeios meramente recreativos. Para a regularidade desses exercicios, cumpre aos directores de grupos e professores observar o seguinte:

1) As excursões deverão trazer valiosos subsidios ao ensino primario, offerecendo assumpto para composições, iniciando a classe no estudo de geographia, fazendo-a entender as sciencias physicas e naturaes, despertando-lhe o sentimento do passado, que é essencial á comprehensão da historia.

2) Os directores e os professores organizarão programmas, que continhão, no minimo, cinco excursões para cada anno do grupo ou para escola singular, devendo ser enviadas á Secretaria do Interior, coupias dos referidos programmas.

3) Em um quadro organizado para o anno lectivo, os directores e os professores designarão os dias de excursão, do que pertence a cada professor realizar com sua classe.

4) De cada uma das excursões será feita pelos professores uma exposição resumida, entregue aos directores de grupos, ou enviada á Secretaria do Interior, quando referente ás escolas singulares.

(Minas Geraes de 23-4-1925)

A Secretaria do Interior avisa aos directores e professores que o cancelamento de matricula nas escolas e grupos deve obedecer ao prescripto no art. 24 do Regulamento do Ensino.

Assim, só terá a matricula cancellada:

a) os menores impossibilitados de frequentar a escola

ou grupo por falta absoluta de meio de comunicação ou por indigencia notoria;

b) os incapazes physica ou intellectualmente;

c) os que soffrem molestias contagiosas incuráveis;

d) os que permanecerem por mais de tres annos ininterruptos no mesmo anno do curso, salvo o caso de molestia adquirida depois da matricula;

e) os que mudarem para fóra do perimetro escolar.

O novo Regulamento do Ensino, actualment: em vigor, não póde permitir o cancelamento da matricula fóra dos casos acima enumerados, e isso pela simples e clara razão de que elle precisa a obrigatoriedade do ensino.

A Secretaria faz este aviso porque lhe consta que varios funcionarios do magisterio tem eliminado, da matricula, alumnos, pelo motivo de faltarem elles ás aulas sem causa justificada.

Ora, nam caso destes, os responsaveis pela frequencia escolar usará dos meios regulamentares para obrigar o comparecimento dos alumnos. Não lhes cessará, porém, a matricula.

Directoria da Instrução

OBRIGATORIEDADE DO ENSINO PRIMARIO

Em data de 8 do corrente foi expedido o seguinte officio ao sr. Procurador Geral do Estado:

«Passando ás vossas mãos o exemplar do «Minas Geraes», de 21 de março ultimo, que traz publicado o parecer do sr. Consultor Juridico sobre a obrigatoriedade do ensino e copias do officio dirigido a esta Secretaria pelo director do grupo escolar de Bom Despacho, communicando que o sr. Augusto Coelho se recusa a assignar a notificação da matricula de sua tutelada Maria Anna, e do ultimo parecer do alludido sr. Consultor Juridico, opinando pela destituição da tutoria daquele senhor, por não cuidar o mesmo da instrução da referida menor, peço-vos determinad ao promotor de justiça da comarca de Pitangui, a que pertence o termo de Bom Despacho, as providencias que julgardes necessarias, afim de que não fique burlada a obrigatoriedade do ensino de que trata o novo Regulamento da Instrução.

Minas Geraes de 10-5-1925

REMESSA DE LIVROS PARA AS ESCOLAS

A Secretaria do Interior tem fornecido prontamente os livros necessarios a todas as escolas isoladas, que lhe enviarm, com as devidas respostas, o questionnaire que para esse fim recebem.

Sem o preenchimento dessa formalidade, não é possível á Secretaria fazer a remessa de livros.

Publicamos, então, o referido questionnaire como um aviso a todos os professores, para que preencham os requisitos nelle exigidos e assim possam ser attendidas as respectivas escolas.

7º Secção.— Municipio de... Distrito de... Povoaço denominado... Escola do sexo... Alumnos matriculados em 192... 1º anno... 2º anno... 3º anno...

Relação dos livros didacticos existentes em bom estado, devendo ser mencionados titulos dos mesmos e os nomes dos respectivos autores.

Relação do mobiliario pertencente á escola...

Quaes as dimensões do quadro negro?... Relação do material de ensino (mapas, globo, contador, mechanico, compasso, regua, transferidor, esquadro, etc.). E' do Estado, da Camara ou de particular, o preديو onde funciona a escola?... Quantas salas de aula tem?... Quaes as dimensões de cada uma?... A escola tem adjuncto?... Qual a estação de desembarque?... Qual o consignatario?... Observações...

O professor... Visto. O inspetor escolar... Nota.— O professor que não devolver este questionnaire devidamente preenchido incorrerá nas penas do Regulamento.

AVISO AOS INSPECTORES REGIONAES

A Secretaria do Interior vem recomendar aos srs. inspetores technicos regionaes que, logo depois de concluida a fiscalização de cada um dos municipios de sua circumscripção, remetam á Secretaria um relatório sobre o municipio percorrido, dando noticia do Serviço feito e suggerindo medidas que lhes pareçam necessarias para o perfeccionamento do ensino.

Nas suas viagens, de inspecção tem os regionaes um grande dever a cumprir e é o de se entender desveladamente com os conselhos escolares e as Associações de Ates de Família, em favor das Caixas Escolares, para que cresçam e se levantem outras e, possam assim servir copiosamente ás creanças pobres que frequentam as casas de ensino.

Este trabalho, cuja grandeza ninguém desconhece, deve ser feito com alma e patriotismo. Os srs. inspetores produzirão conferencias, para que este movimento é digno e fecundo. Farão com que os jornaes se empenhem no movimento e assim da imprensa se alastre para todo o meio social a centelha de um entusiasmo que levanta e constróe. Farão com que se congreguem, sem distincções de classes, nem de creções, todas as figuras orientadas de cada lugar, de modo que entre todos se estabeleça uma duradoura corrente de actuação em beneficio das Caixas Escolares.

Sem esta actividade movimentada e sincera, a Secretaria se verá na dolorosa contingencia de diminuir as vantagens pecunarias dos inspetores que se revelarem falhos de estimulo, pobres de devotamento á causa da instrução.

Mas a Secretaria está certa de que os srs. inspetores regionaes saberão trilhar esse caminho fecundo, creando, amparando, tocando de vida real aquellas generosas instituições, que tão effezadamente podem concorrer para que a diffusão do ensino primario seja no nosso Estado uma grande e luminosa verdade.

(Minas Geraes de 11 e 12-5-924)

Directoria de Instrução

Relação dos professores elogiados, de 16 de Abril a 15 de Maio de 1925:

Por Portarias:

Dia 16 de Abril -

1) Clymene Soares Godinho, de Boa Sorte, municipio de Leopoldina.

Dia 17 -

2) Sara d'Almeida Azevedo e Ernestina Silva, professoras no Grupo Escolar de Cambuquira.

Dia 18 -

3) Candida Mendes de Siqueira Camara e Leticia Camara, professora e adjuncta em Malhada, municipio de Montes Claros.

4) Esther Dias, de Cambuquira, municipio de Entre Rios.

Dia 20 -

5) Mario Franca Pinto, director do Grupo Escolar de Poços de Caldas.

Dia 22 -

6) José Raymundo Netto, da cidade de Januária.

Dia 24 -

7) Maria Espirito Santo de Oliveira, de São Gonçalo, municipio de Pará de Minas.

Dia 30 -

8) Judith Soares Almeida Machado, da Villa Rezende

Costa.

Por Officios:

Dia 15 de Abril -

1) Beatriz Garavim, Marietta Alvarenga, Antonia Fernandes Torres e Macrina do Nascimento, professoras no Grupo Escolar de Ponte Nova.

Dia 17 -

2) Perpeta Machado Gusmão, da cidade de Cataguazes; 3) Anna Francisca de Jesus, da cidade de Uberaba;

4) Rachel Silva, Maria Amalia de Souza e Silva e Maria Francisca do Nascimento, professoras no Grupo Escolar de Cambuquira.

Dia 18 -

5) Carmem Barroso, de Juatuba, municipio de Pará de Minas;

6) João Idelfonso do Nascimento, de Vista Alegre, municipio de Cataguazes.

Dia 20 -

7) Jacy Nogueira, Julieta Ribeiro de Carvalho, Lucilia Clotilde Vieira, Carmem Mourão Villela, Maria Carolina Monteiro, Jandira Ferreira e Alice Monteiro, professoras do Grupo Escolar de Poços de Caldas.

Dia 24 -

8) Dianira Machado Chaves, do distrito de São Gonçalo, municipio de Pará de Minas:

9) Francisca Tavares, da cidade de Caracol;

10) Julieta Guimarães, da cidade de Januária;

11) Maria Amelia de Souza Mattos, de Conceição dos Ouros, municipio de Paraisópolis;

12) Esmeralda Ernestina da Silva, da cidade de Caracol.

Dia 25 -

13) Escolastica da Conceição Vilhena, de São Bento, municipio de Viçosa;

14) Maria das Dores Palmas e Silva e Amelia Maria da Conceição Palma, professora e adjuncta na cidade de Januária;

15) Maria Lourdes de Oliveira, de Santo Antonio do Belisario, municipio de Muriaé;

16) Maria de Almeida Nogueira, da cidade de Pouso Alto.

Dia 29 -

17) José Álvés da Fonseca, de Pary do Rio do Peixe, municipio de Entre Rios;

18) Zita Silveira, de Soledade do Pará, municipio de Pará de Minas.

Mez de maio:

Por Portarias:—Dia 4 -

1) Eduardo Góes, de Jaboticatubas, municipio de Santa Luzia.

Dia 6 -

2) Guiomar Toledo Queiroz, de Diamante, municipio de Ubatuba.

Dia 8 -

3) Anna Josephina das Chagas, de Jaboticatubas, municipio de Santa Luzia.

Dia 11 -

4) Margarida Sabino Silva, de Carmo do Paranahyba; 5) Leoncio Ferreira da Silva, Antonio Americo da Costa, Maria Cherebina de Assis e Mar a José da Costa, director e professores do Grupo Escolar de Frados.

Dia 14 -

6) Rosa Soares Penido, de Conceição do Curralinho, municipio de Rezende Costa.

—

Por officios:

Dia 2 -

1) Esther Marques de São José, de São Sebastião do Campo, municipio de Santa Luzia.

Dia 9 -

2) Julieta Lanna, de Sobral Pinto, municipio de Ubatuba.

Dia 6 -

3) Benedicta Canino, de Sant'Anna do Sapucahy, municipio de Paraisópolis.

Dia 9 -

4) Amalia Machado Magalhães, de Morro Escuro, municipio de Itaboraí.

Dia 11 -

5) Francisca Villela Peçanha, de São João de Gramma, municipio de Caracol;

Dia 14 -

6) Maria Luiz de Sion, da cidade de Campanha; 7) Procopio Luiz da Silva, da cidade de Carmo do Paranahyba;

Dia 17 -

8) Daulas José de Lemos, da cidade de Campanha; 9) Maria Estephania da Costa Pinheiro e Maria José de Andrade, professoras do Grupo Escolar de Frados.

Dia 14 -

10) Vitalina de Rezende Camargos, da cidade de Campanha;

Dia 15 -

11) Izaura Cantarino Villela, de Serra, municipio de Pouso Alto.

Dia 15 -

12) Maria das Neves Gama de Oliveira, de Providencia municipio de Leopoldina;

Dia 15 -

13) Laura Soares Guimarães, do Corrego da Lage, municipio de Itaboraí.



GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS—BIBLIOTHECA E MUSEU

OS NOSSOS GRUPOS ESCOLARES

O GRUPO DE LAVRAS

O Grupo Escolar «Firmino Costas», da cidade de Lavras, neste Estado, é sem dúvida um dos mais completos institutos de ensino primário existentes em Minas. Mantido pelo Governo Estadual e instalado em 1907, elle tem tido como seu director, desde o inicio, o prof. Firmino Costa.

Acabamos de receber o prospecto de sua organização, pelo qual se vê que o referido instituto abrange presentemente o ensino primário, o ensino tecnico-complementar, o curso para a formação de professores rurais, a Assistencia Escolar «Dr. Oswaldo Cruz», a bibliotheca e o museu, a Caixa Escolar «Dr. Augusto Silva», constituindo ao todo vinte e cinco secções.

Além da instrucção primaria, ministrada em treze escolas, ha o curso tecnico, representado por uma aula complementar, pela officina de costura e bordado, pelo ensino de arte culinaria, pela marcenaria, e tambem horticultura e jardinagem.

Merece especial menção o curso para a formação de professores rurais, anexo ao Grupo Escolar e fundado pela Camara de Lavras, o primeiro desse genero estabelecido no Estado de Minas.

Seu programma comprehende revisão e desenvolvimento do curso primario, sendo que no ultimo anno se realiza a pratica profissional.

O alumno poderá frequentar este curso e o curso tecnico, preparando-se desta forma não só para professor, mas tambem para outra profissão. Desde que conclua os dois cursos, o alumno ficará sendo, por exemplo: professor e marceneiro, ou professora e costureira, levando assim para a zona rural tanto a escola como a officina.

Reconhecendo o valor do curso ora organizado, o Estado do Rio acaba de crear um curso equal na florescente cidade de Vassouras.

Creação nova no aparelho escolar, o curso rural, assim denominado por seus alumnos, vem resolver o difficil problema da instrucção na zona a que elle pretende servir.

Esse curso rural, com effeito, inteiramente gratuito, destinando-se a alumnos pobres, com o seu programma todo utilizavel no ensino primario, ministrado em condições modestas, está sem duvida apto para proporcionar bons professores ás fazendas e ás sedes districtaes, onde a instrucção precisa de desenvolver-se o mais rapidamente possivel.

A Assistencia «Oswaldo Cruz» é completa, fazendo parte da mesma o gabinete dentario, que funciona a dia-riamente.

A bibliotheca do grupo, installada em predio proprio, possui 1345 volumes e o museu dispõe de 641 objectos. Anexo a essa escola, ha o ensino de encadernação e cartonagem.

A caixa escolar, que tem á sua frente pessoas da mais alta representação em Lavras, conta a seguinte fonte de renda: mensalidades dos socios, subvenção municipal, sessões do cinema local, quantias que os professores deixaram de receber, doativos e legados, lombada annual, cofres escolares, porcentagem da Cantina Escolar, projectando-se neste anno, a fundação de uma agencia para a venda de livros em beneficio da mesma.

A Camara Municipal de Lavras, tão empenhada se acha na diffusão do ensino primario, que neste anno despendeu... 11.300\$500 com auxilios e melhoramentos prestados ao Grupo Escolar, não se incluindo nessa importancia as subvenções dadas a outros institutos, bem como a manutenção de escolas municipaes.

A secção de installação escolar existente no grupo consta de dois edificios para as aulas, áreas de recreio, officina de marceneiro, horta escolar e jardim, para a bibliotheca e o museu, casa para os trabalhos domesticos, installação da assistencia.

No vestibulo do predio escolar acha-se esta inscricao:

«O problema da educação popular resume-se nestes termos: instrucção, hygiene, assistencia, ensino profissional. A instrucção do povo é a libertação do povo.

Toda a despesa feita em nome da hygiene é uma economia.

A assistencia á infancia é a melhor providencia social.

O ensino profissional é o primeiro factor da riqueza publica.

Mantem-se no grupo um curso de pratica pedagogica para as alumnas da Escola Normal de Lourdes.

Dando ainda uma prova eloquentissima do seu espirito creador, o professor Firmino Costa adopta no grupo os chamados centros de interesse.

Para esse fim divide-se o mez em quatro semanas, semana da pontualidade, semana da attenção, semana da hygiene e semana da polidez.

No quadro negro de cada escola assigna-se a semana com a sua idéa directriz, que constitue o centro de interesse do trabalho escolar.

Fazendo que os alumnos se habituem á pontualidade, á attenção, á hygiene e á polidez, terão os professores preparado os mesmos para a vida social.

Por esses motivos, pelas iniciativas tão altas e proveitosas que alli se ventillam e tornam victoriosas, o grupo escolar de Lavras passa, e com justiça, como um estabelecimento modelar, que honra o nosso Estado.

As linhas acima justificam os constantes elogios com que os nossos administradores têm estimulado essa intelligencia tenaz e constructora, que é o professor Firmino Costa.